

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMERSON BIERNASKI

ENTRE BICICLETAS, EDUCAÇÃO, ATIVISMO, ARTE:

CARTOGRAFANDO MOVIMENTOS URBANOS

CURITIBA

2014

EMERSON BIERNASKI

ENTRE BICICLETAS, EDUCAÇÃO, ATIVISMO, ARTE:  
CARTOGRAFANDO MOVIMENTOS URBANOS

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de graduação em Pedagogia, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2014



## RESUMO

Esta pesquisa cartografa processos educativos que envolvem o movimento ativista pela mobilidade urbana por bicicleta em Curitiba. Investiga, especialmente, proposições de arte-ativistas da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu durante o ano de 2014. Acompanha, registra e analisa algumas *Bicicletadas*, o festival *ARTEBICIMOB* e a construção da *Praça de Bolso do Ciclista*. Produz alguns depoimentos, gravados em áudio, com propositores e participantes dessas intervenções. Depoimentos posteriormente transcritos e analisados. Envolve também o processo formativo do pesquisador, no contato com essas proposições. Tais processos são analisados, ampliando a noção de educação, pensando-a em uma perspectiva ecosófica e experimental. Operando, principalmente, com o conceito de *ecosofia* de Félix Guattari. Ecosofia como uma articulação ético-política entre três registros ecológicos – o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana –, para a instauração de novos sistemas de valorização. Inspirada, ainda, na possibilidade de pensar a formação como um *dever plural e criativo*, com Jorge Larrosa. As *Bicicletadas* foram pensadas enquanto massas críticas que retomam o espaço público, configuram zonas autônomas temporárias, educam para o compartilhamento, ativismo, autonomia de ação... O festival *ARTEBICIMOB*, como expressão de formas plurais, criativas e independentes, do movimento pela mobilidade urbana por bicicleta nessa cidade. E a construção da *Praça de Bolso do Ciclista*, enquanto problematização do uso do espaço público pelas pessoas, possibilidade de reinvenção de maneiras de se relacionar com o ambiente e com o social e territorialização de uma ilha de convivência ligada à mobilidade urbana por bicicleta. Territórios, práticas e relações – em suas composições, invenções e expressões –, que constituem no movimento ativista, um universo referencial, uma cultura, a da bicicleta. E, como toda cultura, é pedagógica. Viabilizando, dessa forma, a produção de subjetividades singulares e a reinvenção de formas de relação, com o ambiente e com o social, escapando aos moldes capitalistas padronizados e indicando abertura de mundos.

Palavras-chave: Formação. Subjetividade. Ecosofia. Diferença.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>IMERGIR</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>EMERGIR</b> .....	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>CARTOGRAFIA</b> .....	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>EM UMA PERSPECTIVA ECOSÓFICA</b> .....	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>MANIFESTAR, INTERVIR</b> .....	<b>26</b>
<b>6</b>	<b>MOVIMENTOS URBANOS</b> .....	<b>34</b>
<b>6.1</b>	<b>Bicicletadas de Curitiba</b> .....	<b>38</b>
<b>6.2</b>	<b>ARTEBICIMOB</b> .....	<b>42</b>
<b>6.3</b>	<b>Das ilhas de convivência: uma Praça de Bolso do Ciclista</b> .....	<b>45</b>
<i>6.3.1</i>	<i>As três ecologias da ilha</i> .....	<i>56</i>
<i>6.3.2</i>	<i>Da memória de uma inundação</i> .....	<i>58</i>
<b>7</b>	<b>ENTRE CARROS, BICICLETAS E INVENÇÃO DE MUNDOS</b> .....	<b>61</b>
<b>8</b>	<b>APRENDER</b> .....	<b>67</b>
<b>8.1</b>	<b>Legendas</b> .....	<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>

## 1 IMERGIR

Traçar linhas.

Habitar territórios.

*(Des)formar, experimentar, singularizar, aprender*

*Entre educação, ecosofia, invenção<sup>1</sup>.*

Encontros.

Pesquisa.

Agrupar.

(Des)orienta(se).

Contágios.

Foge.

Um rosto chamou o olhar na fotografia

Corpo que cria objeto na busca por contiguidade

E desdobra-se ao entrar em rizoma.

Aprender.

---

<sup>1</sup> Pesquisas na Iniciação Científica: *(Des)formar, experimentar, singularizar, aprender: um estudo dos*

Vagas Vivas?

Objetivar.

Além da margem e nela.

Curitiba

*Park(ing) space*, do Rebar

São Paulo, Aracaju, Campinas, Florianópolis...

*Parklets*.

Alegria.

Projetar.

Amplia. Experimenta.

Foca. Produz.

Caos, Margarida...

Desmonta

Desenha

Desterritorializa.

Desejo.

Amplia.

Entre-acompanha.

O que podem algumas experiências em espaços urbanos?

ZAT<sup>2</sup> no movimento.

Processos educativos

Em intervenções.

Experimental.

O cultural torna-se pedagógico<sup>3</sup>.

Selim, guidão, pedal...

Filosofia, Educação, Arte...

Entre bicicletas

E invenção de *hódos-metá*.

Educanartefilocartosofia.

---

<sup>2</sup> Zonas Autônomas Temporárias (BEY, 2001).

<sup>3</sup> Tomaz Tadeu da Silva (2003).

## 2 EMERGIR

Esta é uma tentativa de diálogo e de interação. É difícil escrever na academia e não achar que precisa ser hermético, complicado de entender, rebuscado. Espero que essas linhas cheguem a muitas pessoas.

Quero dividir, inicialmente, um pouco do meu processo de formação durante o curso de Pedagogia, os meus anos de aprendizagem na pesquisa<sup>4</sup>.

Cursando a disciplina de Didática, no segundo ano de graduação, conheci a professora Kátia (Maria Kasper). O que mais me lembro daquele tempo é da voz dela. Parecia-me que ela tinha um cuidado doce de ser aceita e uma transparência que permitia conversar com os olhos. Nessa disciplina eu me sentia à vontade para aprender. Identifiquei-me, escrevi, experimentei. Não sei ao certo porque, mas ela me convidou para participar da seleção para Iniciação Científica. Eu não sabia ao certo de que se tratava uma IC. E recebi um presente.

No primeiro ano dessa pesquisa, conheci Fernando (Chotguis Rosenbaum). Fernando é o cara que estendeu a mão suja de argila para me cumprimentar quando nos encontramos pela primeira vez. Então, eu vi que estava no lugar certo. Gosto do que me parece natural, de quando os olhos falam.

Ele nasceu em São Paulo, mas mora desde criança em Curitiba. Em 2005, graduou-se em Gravura, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e tem um contato bem peculiar com a bicicleta. Eu soube disso através de um depoimento dele gravado em áudio e vídeo pela Kátia (Maria Kasper), que foi transcrito e analisado pela Anne (Marie Moreira Sampaio), a bolsista de IC anterior a mim no projeto<sup>5</sup>.

Então, fui aprender com ele sobre seus processos de formação, de criação e de singularização. Através desse depoimento e dos contatos que tive com o artista,

---

<sup>4</sup> Pesquisas na Iniciação Científica: *(Des)formar, experimentar, singularizar, aprender: um estudo dos processos criativos de Fernando Rosenbaum e Entre educação, ecosofia, invenção: outros mundos são possíveis*. Ambas integrando o projeto *Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia*, da professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e orientadora dos mesmos, Doutora Kátia Maria Kasper. Períodos e financiamentos: 2011/2012 – UFPR/TN e 2012/2013 – PIBIC/CNPq.

<sup>5</sup> Projeto *Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia* de Kátia Maria Kasper (2008).

pude aprender um pouco de um universo novo que se abria. Contatos na e com a Bicletaria Cultural, o SESC Água Verde, o Centro de Criatividade de Curitiba e a 6ª Ventosul – Bienal de Curitiba, por exemplo.

Fiz leituras também sobre o conceito de singularização<sup>6</sup> para pensar o processo de formação. Singularização como, grosso modo, um processo através do qual alguém se forma, tornando-se diferente. Quando alguém se forma não só para alimentar a economia capitalista e ter os mesmos jeitos de se guiar, de se vestir, de valorizar, por exemplo. É como um protesto ao modo de ser que exclui a maior parte das pessoas e uma maneira de inventar outras formas de viver.

Pensei ainda a formação enquanto um processo experimental<sup>7</sup>. Onde a noção de experiência<sup>8</sup> foi pensada com Jorge Larrosa e diz respeito ao modo como se constrói um saber a partir dela e com ela. Um processo no qual as pessoas se formam e vão dando sentido àquilo que acontece a elas, àquilo que elas experimentam. É quando algo te passa, te toca e te transforma.

Fazia sentido pensar em singularização e experiência vendo que Fernando, por exemplo, aprendia não só na instituição do curso que fez. Ele aprendia no contato com a arte, com os colegas de curso, criando semanas de atividades, trocas de materiais, coletivos artísticos... E tão interessante quanto isso, era o que ele contava sobre as viagens de bicicleta, desde a sensação no corpo, ao contato com as pessoas, com os lugares, até as intervenções do *Coletivo Interlux* – criado por ele e alguns colegas, por volta do ano de 2003. Ele mesmo, dessa forma, passa a criar seus processos formativos. Além do mais, Fernando, junto aos demais integrantes desse coletivo, foi um dos pioneiros na questão da mobilidade urbana pela bicicleta na cidade.

Esse coletivo de artistas, amigos e ciclistas fazia o que eles chamavam de *prática da cidade vivencial*. Uma prática de viver a cidade, de ocupá-la, desenhá-la. Como pelas intervenções com lambe-lambes, cartazes e criando *happenings* – que são ações onde o público é convidado a participar.

---

<sup>6</sup> Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) e Félix Guattari (2010a).

<sup>7</sup> A relação entre singularização em Félix Guattari e formação em Jorge Larrosa é pensada no projeto *Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia* (KASPER, 2008), e no estudo de Jonathan Braga orientado pela Professora Doutora Kátia Maria Kasper, *Formação, experimentação, invenção* (BRAGA; KASPER, 2013).

<sup>8</sup> Jorge Larrosa (2002) e Jorge Larrosa e Alfredo Veiga-Neto (2007).

Algumas dessas atividades, atualmente, tomaram outras proporções. Com elas, as *Bicicletadas* começaram a ganhar visibilidade em Curitiba. Bicletada é um tipo de manifestação organizada, onde muitas pessoas vão às ruas de bicicleta, juntas, e formam uma grande massa crítica<sup>9</sup>. É como um passeio que toma a rua, o lugar dos carros, e assim retoma o espaço público para as pessoas e para as bicicletas. Fui aos poucos descobrindo o que era ativismo, também.

A *Jardinagem Libertária* era outra prática desse coletivo. Tratava-se de formas de contato com a natureza, de preservação e produção própria de alimentos, por exemplo, que não dependiam da aprovação dos órgãos públicos. Plantios.

Estudei também sobre o conceito de ecosofia<sup>10</sup>, mais tarde, quando aprofundi o contato com a Bicletaria Cultural, que havia sido fundada durante a pesquisa inicial, em 2011. Já era o segundo ano de pesquisa. A Bicletaria foi uma ideia de Patrícia (Valverde) com Fernando, de um estacionamento de bicicletas e que acabou ganhando uma agenda cultural. Um território tão plural e acolhedor, que recebe pessoas de diversas partes do mundo e especialistas de diversas áreas do conhecimento. Ela é sede da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, recebe exposições de arte e realiza vários eventos e encontros sobre arte, mobilidade e ativismo. Tendo se tornado referência nessas questões.

Os estudos sobre ecosofia também fizeram sentido. A ecosofia fala de uma articulação entre possíveis mudanças subjetivas, sociais e ambientais. E nesse espaço fui aprendendo o que poderiam ser cada uma dessas esferas ou registros – subjetivos, sociais e ambientais.

Para essa primeira esfera, foi pensada a formação e a invenção dos modos de ser, de pensar e de sentir. Na formação para o ativismo, por exemplo, pelos encontros com pessoas que vivenciavam as *Bicicletadas*, com alguns integrantes do Coletivo Interlux e os *Encontros de Cicloviajantes*. Bem como, através do contato com convidados para palestras, oficinas e mostras de arte. Em um desses encontros conheci Fabiane (Morais Borges)<sup>11</sup>, apresentando seu livro *Domínios do Demasiado* – é também sua dissertação de mestrado –, que contou a respeito de sua

---

<sup>9</sup> Para mais, ver Ned Ludd (2005).

<sup>10</sup> Félix Guattari (2010a, 2010b).

<sup>11</sup> Mestre e Doutora no Programa de Psicologia Clínica do Núcleo de Subjetividade da PUC/SP, sob orientação do Professor Doutor Peter Pál Pelbart.

experiência envolvendo contato de coletivos de arte contemporânea com ocupações de espaços urbanos por pessoas em situação de rua.

Quanto às mudanças da esfera social, pude perceber um pouco das formas de se organizar e se relacionar que se criavam nesse espaço. Modos de aprender em grupo sobre questões das Artes, da mobilidade urbana e de maneiras de se manifestar. Um território que acolhe pessoas que têm algo em comum, como a bicicleta e o ativismo. E das mudanças na esfera ambiental, o desejo de fazer de um grande centro urbano um espaço de deslocamento possível e de convivência.

A ecosofia, então, se tornou uma maneira de olhar. E, dessa perspectiva, me vi no meio de um movimento. Conheci Fernando, um dos artistas e ativistas que tinham iniciado o movimento ativista pela mobilidade urbana por bicicleta em Curitiba e pude aprender com ele, inclusive a mudar meus hábitos e passar a andar de bicicleta. Conheci Patrícia, uma produtora cultural, que mantém uma agenda plural na Bicletaria Cultural, com quem me dispus a aprender ainda mais neste trabalho. Embora não tenha sido meu caso, a Bicletaria ensina a andar de bicicleta e tem curso de mecânica para bicicleta. Entrei em contato com diversos territórios e proposições que fazem parte de uma grande cultura da bicicleta. Entre eles, a Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu.

E vejo hoje com mais intensidade a potência da articulação entre as esferas subjetivas, sociais e ambientais presentes nesse movimento de mobilidade e nessa cultura.

A Associação Cicloiguaçu foi fundada em maio de 2011 para dialogar com o poder público e apoiar o uso da bicicleta como meio de transporte e a reutilização do espaço público. Nela estão ciclistas, artistas, ativistas e estudiosos de várias áreas do conhecimento, de Curitiba e região metropolitana. Atua junto ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). É filiada à União de Ciclistas do Brasil (UCB). Estabelece parcerias com o projeto Ciclo Vida da Universidade Federal do Paraná, o Instituto de Energia Humana, o movimento Voto Livre, a Bicletaria Cultural, entre outras.

Em contato com ativistas também conheci as proposições *Salvemos o bosque da casa Gomm* e o *Arquipélago de Camões*. Essas proposições são ocupações de espaços públicos que intervêm e problematizam a respeito dos seus

usos pelas pessoas e pelos órgãos públicos. É onde se desenvolvem atividades culturais e se configuram espaços de convivência.

Durante esse processo também me interessei pelas *performances*<sup>12</sup>. Elas são ações corporais artísticas que envolvem improviso, contato e participação de pessoas, e modificam a percepção das coisas. Acompanhei algumas na mostra *P.Arte – Performance Art* – durante os primeiros anos de pesquisa, na Bicletaria Cultural. E também nas praças da cidade, as do coletivo *Quandonde intervenções urbanas em arte*.

Nesse universo que se abriu, o meu interesse é em aprender. Pesquisando, investigando, para aprender com o movimento ativista pela mobilidade urbana por bicicleta, com as manifestações, as intervenções, com o ativismo, com os propositores e participantes dessas atividades acompanhadas. E produzir conhecimento nessa relação com eles e com os conceitos e os autores estudados.

Para dar continuidade ao percurso no movimento acompanhado durante esses anos e ao desenho dessa pesquisa, investiguei algumas intervenções dos ativistas da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu. Também produzi depoimentos com alguns deles.

As proposições, manifestações e intervenções que acompanhei foram as da construção da *Praça de Bolso do Ciclista*, do festival *ARTEBICIMOB* e algumas *Bicicletadas*. Escreverei sobre elas no desenvolvimento deste trabalho, buscando investigar a potência dessas experiências nos espaços urbanos, especialmente na perspectiva da ecosofia e da formação.

Para me guiar, utilizo a *cartografia*<sup>13</sup>. E aqui, penso a educação em uma perspectiva ecosófica, trabalhando com a *ecosofia* de Félix Guattari<sup>14</sup>. Outros conceitos também me ajudaram e ajudam nessa construção e aprendizagem, como

---

<sup>12</sup> Uma possibilidade de leitura a esse respeito por Maria Beatriz de Medeiros (2009, p. 23): “A performance é arte tornada ação corporal efêmera, realizada no vivo ou ao vivo, isto é, realizada com a presença de *performers*, artistas e interatores (espectadores convidados à participação) [...] O que denominamos performance é arte, isto é, voluntariamente ato que visa revelar o outro do mundo sensível e, assim fazendo, criar faíscas de sensível inteligibilidade, entre seres humanos. Inteligibilidade sensível entendida sempre como faísca: pedaços desgarrados de compreensão redimensionável. [...] A performance quer tocar a percepção e ser guardada como sensação acariciada por alguma busca de compreensão.”

<sup>13</sup> Cynthia Farina (2008), Roselaine Machado Albernaz (2011), Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2012) e Suely Belinha Rolnik (2014).

<sup>14</sup> Félix Guattari (2012a, 2012b).

a *alteridade*<sup>15</sup> em Kátia Maria Kasper, a *alegria* e a *prudência* na leitura que Gilles Deleuze faz de Baruch Spinoza e a possibilidade de pensar a formação como um *devir plural e criativo*, com Jorge Larrosa.

---

<sup>15</sup> Kátia Maria Kasper (2004).

Ouço sinos por toda a cidade  
Treinamento dos ouvidos com o corpo

Sons chegam de diferentes maneiras  
Levam mensagens que ressoam

Linhas abertas

Ritornelos.

### 3 CARTOGRAFIA

*Intervenção no real radar. Verificar.  
(Estamira).*

Para os geógrafos a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2014, p. 23). Aqui, é um “estudo das relações de forças que compõem um campo específico de experiências” (FARINA, 2008, p. 8-9). Esse termo *cartografia* foi deslocado do campo da Geografia pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari e transformado em conceito. E então, ela foi pensada enquanto metodologia de pesquisa.

Para aprender mais sobre isso, contei com a ajuda de *Pistas do método da cartografia*<sup>16</sup> e de alguns estudos<sup>17</sup>. E pude perceber, com Passos, Kastrup e Escóssia, como essa forma de pesquisar difere do método tradicional e é coerente com o pesquisar processos e a educação. Nela, realiza-se uma “reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*” (2012, p. 10).

Pensando na etimologia da palavra, *Hódos* poderia ser traduzido por “caminho”. E dessa forma, em *metá-hódos*, se estabeleceriam metas para atingir um objetivo, metas pré-definidas para percorrer um caminho. Onde haveriam hipóteses, experimentos e resultados finais e conclusivos, por exemplo. Diferentemente, em *hódos-metá* caminhar-se-ia para encontrar metas, entradas e chegar-se-ia a algum lugar não conhecido. Tratando-se, ainda segundo os autores, de “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (2012, p. 10-11). Não havendo pré-definição, representação de objetos pré-existentes, por exemplo. Seriam leituras a partir de processos em curso.

A cartografia trata justamente de captar pontas de processos, movimentos de diferenciação, processos educativos. Trata-se de caminhar junto à constituição

---

<sup>16</sup> Livro organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2012). Resultado de estudos realizados, no período de 2005 a 2007, por professores e pesquisadores, no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Cynthia Farina (2008), Roselaine Machado Albernaz (2011) e Suely Belinha Rolnik (2014).

de modos de ser, de agir, de pensar e se relacionar singulares. Dos processos de produção de subjetividade.

Dessa forma, neste trabalho, a atenção está nas minorias, nos desvios, naquilo que Gilles Deleuze chamou de linhas de fuga. Onde busco aprender com formas de vida e processos singulares, emergentes e espaços de invenção. Aprender com o que foge aos modelos contemporâneos padronizados e excludentes de ser, de agir e de pensar, que Félix Guattari chamou de subjetividade capitalística.

A cartografia é, então, operada de modo a expressar micropolíticas urbanas, sendo também uma maneira de pesquisar que “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2014, p. 23). Metodologia processual.

Nesse método a ser experimentado, onde processos são acompanhados e vivenciados, estou implicado. Àquilo que me passa, também atribuo sentido. Estando, dessa forma, meu processo de formação em curso e sendo evidenciado.

Busquei traçar um caminho e desenhar linhas e territórios do movimento ativista – movimento entendido enquanto processo e composto por várias proposições – pela mobilidade por bicicleta em Curitiba. Para expressar redes de forças, afetos e desejos envolvidos nos processos investigados e conexões com o mundo que eles estabelecem.

A coerência da escolha da metodologia está no uso de um método processual, para a investigação de processos educativos. Buscando analisar o que podem algumas experiências nos espaços urbanos e pensando em formas de encontrar o movimento e aprender, nele e com ele.

Os territórios e processos habitados e acompanhados durante o ano de 2014 foram: os da *Praça de Bolso do Ciclista* e sua criação – através de reuniões de organização, oficinas de arte, conversas, fotografias, festas, passeios; algumas *Bicicletadas* – como a *Ghost Bike para Letícia Rodante* e *Bicicletada em prol da vida e respeito no trânsito* e a *Marcha das 2014 Bicycletas*; e o festival ARTEBICIMOB – um calendário do mês de setembro com atividades que reúnem arte, bicicleta e

mobilidade, através de eventos como o mostra *Cicle Cine*, a *Musicletada*, palestras, pedaladas, o *Projeto Cíclica*, entre outros.

A processualidade pode ser vista em todos os momentos da investigação, desde a produção de dados, análise, escrita, até os resultados. Conteí com outros grafites, leituras e grafias.

O processo de produção de dados se deu através de leituras, revisões, pesquisas, escrita, fotos, esquemas, planejamentos, desenhos, da construção de registros experimentais, como: Diário Geral de Investigação virtual, Diário de Bordo<sup>18</sup>, Caderno de Registros dos Encontros do Grupo de Estudos, Caderno de Registros Eventuais, frases e composições experimentais, uso de redes sociais, anotações em livros, bilhetes-lembretes em mural, arquivos virtuais organizados por temas, e registros pessoais, Cartas pessoais para Juliano (dos Santos) e Cartas pessoais para Dráuzio (Aparecido de Almeida).

Produção de dados, como os *hipomnemata*<sup>19</sup> dos gregos apresentados por Michel Foucault para reunir o *logos* fragmentado. São registros de informações objetivas e de impressões e informações menos nítidas que foram captadas na pesquisa, que são trabalhadas, explicitadas e precisadas no percurso. Assim, podendo transformar observações “captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 70). Reunindo uma multiplicidade de vozes em um agenciamento coletivo de enunciação.

Para as entradas em campo, experimentei maneiras de fazê-las e conteí com outras pistas<sup>20</sup>: *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, por Virgínia Kastrup; *Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador*, por Eduardo Passos e André do Eirado; e *Cartografar é acompanhar processos*, por Laura Pozzana Barros e Virgínia Kastrup.

<sup>18</sup> Inspirado em *Diário de Bordo de uma viagem-intervenção*, por Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 172- 200).

<sup>19</sup> “Há uma prática preciosa para a cartografia que é a escrita e/ou o desenho em um diário de campo ou caderno de anotações. Os cadernos são como os *hipomnemata*, que Michel Foucault (1992) discute ao apresentar as práticas de si dos gregos. Com o objetivo administrativo de reunir o *logos* fragmentado, os *hipomnemata* ‘constituirão uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas [...] Formavam também uma matéria-prima para a redação de tratados sistemáticos’ (p. 135). Podemos dizer que para a cartografia essas anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 69-70).

<sup>20</sup> Virgínia Kastrup (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 32-51), Eduardo Passos e André do Eirado (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 52-75), Laura Pozzana Barros e Virgínia Kastrup (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 109-130).

O acompanhamento que sempre demandou disponibilidade. A do contato, com as pessoas, com o ambiente, com o inusitado. Uma disponibilidade a um estranhamento para habitar os territórios e se incluir de forma problemática. O que envolve uma política de relação com a alteridade<sup>21</sup>, uma relação de cofuncionamento.

Pensar o funcionamento da atenção ajudou na busca da construção de uma política cognitiva atencional. Para essa construção, o cuidado em perceber que as variações atencionais configuram campos perceptivos diferentes. Campos colocados por Virgínia Kastrup enquanto *janelas atencionais*, onde cada uma delas é uma forma diferente de olhar, como se cada maneira de atentar abrisse uma janela diferente. Ela nomeia essas janelas por *joia*, *página*, *sala*, *pátio* e *paisagem*, que são maneiras de perceber que vão das mais focadas às mais abertas. Algumas delas podem ser mais interessantes para investigações ou serem utilizadas em momentos distintos. Aprender.

Ela indica, ainda, para a captação das forças em ação e da processualidade, uma atenção ao mesmo tempo *flutuante*, *concentrada* e *aberta*. Chamada também de *atenção à espreita*, que foi inspiração no percurso das idas a campo e mais.

Nos acompanhamentos, pesquisas e observações, a *atenção flutuante* permite, entre outras coisas, a captação de fragmentos desconexos de informações, imagens, impressões. Junto à *concentração sem focalização*, ela possibilita explorar sem interpretar ou produzir compreensão. E através da variação da atenção denominada por *reconhecimento atento* pode-se emergir um virtual já existente, atualizado.

Ou seja, trabalhando a percepção e a memória de maneira a formar circuitos mentais. Fazendo conexões e estabelecendo relações. Diz respeito a como o inconsciente trabalha durante a cartografia. Segundo Virgínia Kastrup, essa política cognitiva é chamada por Deleuze e por Guattari de *performance*, não se tratando de uma competência e sim de uma ação treinada.

Esse princípio de construção de uma política cognitiva ressoa com a pista dada por Eduardo Passos e André do Eirado da cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. É uma busca de não interpretar ou não produzir

---

<sup>21</sup> Kátia Maria Kasper (2004); Cíntia Vieira da Silva e Kátia Maria Kasper (2014).

compreensão com base no ponto de vista do observador e que permite atentar à processualidade, a fim de aumentar o seu grau de abertura.

E trata-se, para o autor, “da possibilidade de habitar os pontos de vista em sua emergência, [...] atravessado pelas múltiplas vozes que perpassam um processo, sem adotar nenhuma como sendo a própria ou definitiva” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 116).

O que se acompanha são engendramentos: "a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogênea" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10).

Foram realizados, ainda, diálogos com diversas pessoas envolvidas nas proposições cartografadas. Diálogos tanto com alguns proponentes, como com alguns participantes. Desses diálogos, há alguns registros formais que permitiram captar depoimentos. Tratando-se, esses depoimentos – devidamente autorizados para divulgação nesta pesquisa, através de um termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos depoentes –, de gravações em áudio com duração média entre trinta minutos e uma hora e meia. Posteriormente os depoimentos foram transcritos e analisados.

Dos registros formais, as vozes são dos integrantes da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu: Patrícia (Valverde), arte-ativista, fundadora da Bicletaria Cultural; Dráuzio (Aparecido de Almeida), ativista, professor; Goura (Jorge Gomes de Oliveira Brand), filósofo, professor de Yoga, foi coordenador geral da Associação Cicloiguaçu de 2011 a 2014, atualmente é membro de seu Núcleo de Educação; José Carlos (Assunção Belotto), coordenador de educação e cultura da Associação Cicloiguaçu; e Valdeci (Alves da Cruz Bitencourt), cicloativista, paisagista.

Pensando em compor com essas vozes e olhares, construímos juntos uma geografia de encontros nessa invenção. A sua escritura pede o posicionamento de uma política da narrativa. Ela é:

[...] uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; KASTRUP, 2012, p. 151).

A opção pela composição de vozes se faz, portanto. Em busca, também, de dar vazão aos afetos que pedem passagem. Inter-relacionando linhas, territórios, deslocamentos, (des)configurações, superfícies móveis. Inventando pensamento e mundos.

Tem sido uma busca de operar em um devir cartógrafo-cicloativista. Aprender(-me). E fazendo rizoma<sup>22</sup> com componentes de multiplicidade, diferença e subjetividade – algo difícil de vivenciar na instituição formal de graduação –, produzo um corpo pesquisador menor. Menor na perspectiva aqui abordada, como o que escapa aos modos majoritários e hegemônicos de pesquisar.

É claro que contei com a ocupação de certos espaços lisos<sup>23</sup>, de criação, limbos, que escapam, como grupo sem-nome-ainda<sup>24</sup>. Expressões micropolíticas e tentativas de encontros, contágios, desestratificações, com Jorge Larrosa, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Cynthia Farina, e mais.

Corpo em deslocamento, experienciando e aprendendo formas de trânsito e de aprender, que fogem da majoritária cultura de bolhas individuais. Molecularizando, movendo-me entre bicicletas, educação, ativismo e arte.

---

<sup>22</sup> A respeito do conceito de rizoma, ver capítulo 7.

<sup>23</sup> “[...] o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 180).

<sup>24</sup> Aqui faço menção ao grupo de estudos e de orientação reunido a propósito do projeto *Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia* (KASPER, 2008).

#### 4 EM UMA PERSPECTIVA ECOSÓFICA

Há um tipo de economia do desejo que sustenta uma montagem de territórios existenciais no mundo contemporâneo (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Economia onde a produção de uma subjetividade social garante uma função hegemônica em todos os campos da vida.

Trata-se da produção de indivíduos e de sistemas hierárquicos, de valores e submissão e homogeneização dos modos de agir, sentir e pensar, que são difundidas por uma cultura massificada e mantidas através do poder das estruturas produtoras de signos e sintaxe.

São “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 27). E afetam, por sua vez, o ambiente por não considerá-lo abrangentemente, nessa ecologia das ervas daninhas de produção de subjetividade capitalística.

Pensou-se, dessa forma, com Guattari (2012a), na paisagem das transformações técnico-científicas que engendram fenômenos de desequilíbrios ecológicos, bem como, a deterioração dos modos de vida individuais e coletivos.

Compondo-a, entre outras coisas, estaria o projeto de industrialização envolvendo a relação entre grupos dominantes com grandes empresas automobilísticas, desde/ em tempos de Ditadura Militar, no Brasil. Nessa ótica vê-se a produção de modos de viver e se relacionar desdobrados na paisagem e que compõem o culto ao automóvel.

Como alternativa para saída dessas crises contemporâneas, pensou-se a ecologia, entendida como a articulação ético-política entre os três registros ecológicos, o do meio ambiente a ser reinventado, o das relações sociais e o da subjetividade humana (GUATTARI, 2012a).

Em relação a esse último registro, a proposta seria “debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma resingularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero.” (GUATTARI, 2001, p. 6). Nesse

registro a produção pode contar com as dimensões da reapropriação da subjetividade e da integração de certos componentes singulares.

Reapropriação da subjetividade enquanto capacidade de operação de um trabalho próprio de semiotização, de construção própria de tipos de referência prática e teórica. Processos de integração enquanto busca de integração de certos traços de singularidade nos próprios sistemas dominantes, molares, de produção de subjetividade,

[...] por exemplo, a integração de certos traços em singularidade da música dos negros ao jazz. Esse será difundido em todo campo social, e se tornará uma espécie de música universalista. Ou ainda, através do uso de certos traços de singularidade revelados pelos movimentos feministas ou pelos movimentos dos homossexuais como axiomas locais, os quais vão permitir uma melhoria nas performances da produção de subjetividade do sistema (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 50).

Em outras palavras, a subjetividade humana é componente importante tanto dos investimentos de poder quanto em possíveis investimentos de potências, tratando esses últimos do “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.” (GUATTARI, 2012b, p. 19).

Enquanto potência, diz respeito à reinvenção da relação do sujeito com o corpo, que terá assim sua maneira de operar mais próxima daquela do artista. Reinvenção em processo, como pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade.

Para a esfera social, a invenção de novos modos de ser, de se relacionar e de agir. Fazendo funcionar “práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microsociais quanto em escalas institucionais maiores” (GUATTARI, 2012a, p. 16), buscando antídotos para a uniformização, uma resingularização subjetiva; a reconstrução de relações, o investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos, novas solidariedades; a fixação de objetivos comuns, sem deixar de lado os momentos de singularização; abordar a tecnologia e sua utilização para fins não capitalistas; recompor processos fragmentados de trabalho; levar em conta questões relativas à identificação de gênero, à orientação sexual, à migração,

ao racismo, à juventude, etc. Trata-se de inventar novas formas de coletividade. Novas práticas políticas, estéticas e éticas.

Não seria exagero enfatizar que a tomada de consciência ecológica futura não deverá se contentar com a preocupação com fatores ambientais, mas deverá também ter como objeto devastações ecológicas no campo social e no domínio mental. Sem a transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material. (GUATTARI, 2012b, p. 153).

Compõem essa perspectiva práticas que possam superar limites excludentes e fundamentalistas, de encontro a formas autônomas de ação, construção de solidariedades, atenção às problemáticas ambientais, em uma política de alteridade à diferença, levando também em consideração o caráter temporário frente a possibilidades de permanências e mudanças.

Devemos esperar transformações políticas globais antes de empreender tais “revoluções moleculares” que devem contribuir para mudar as mentalidades? Encontramo-nos aqui diante de um círculo de dupla direção: de um lado a sociedade, a política, a economia não podem mudar sem uma mutação das mentalidades; mas, de um outro lado, as mentalidades só podem verdadeiramente evoluir se a sociedade global seguir um movimento de transformação. A experimentação social em grande escala que preconizamos constituirá um dos meios de sair dessa “contradição”. Apenas uma experiência bem-sucedida de novo habitat individual e coletivo traria consequências imensas para estimular uma vontade geral de mudança. (GUATTARI, 2012b, p. 155).

Desde as investigações realizadas a propósito de processos de formação, criação e singularização do artista e ativista Fernando (Chotguis Rosenbaum) – e de ressonâncias do seu trabalho em parceria com Patrícia (Valverde) para cidade de Curitiba –, percebi a potência ecosófica e de reinvenção desses registros. Articulações que foram se desenhando e compondo em rizoma, permitindo a inspiração do aprendizado frente ao movimento ativista pela mobilidade por bicicleta em Curitiba. Percebidas em coletivos e intervenções urbanas com os quais entrei em contato.

Dessa maneira, objetivando mapear linhas e forças, busquei aprender com manifestações e intervenções nessa cidade e com a emergência de uma cultura da bicicleta, pensando a educação em uma perspectiva ecosófica.

Nessa ótica, procuro ampliar a noção de educação. Aqui, em uma perspectiva ecosófica, ela diz respeito a possibilidades de aprender frente a processos de articulação entre as esferas ecosóficas. Trazendo questões como: o que podem esses processos, movimentos e proposições que diferem da ecologia da produção de subjetividade padronizada? Trata-se também de maneiras de criar e possibilitar essas articulações. E de possibilidades de reinvenção em cada um dos três registros – mental, social e ambiental –, pensando em como práticas alternativas têm contribuído para a constituição de novas formas de ser, de agir, de pensar e de se relacionar. De aprender, de ensinar, de viver.

Uma educação que se inspira na busca de saídas para crises contemporâneas por meio da reinvenção de componentes ecosóficos; que procura perceber implicações das esferas mentais e sociais no ambiente urbano, em tomadas de posições políticas; e que redesenha ambientes, maneiras de constituí-los, bem como de habitá-los.

## 5 MANIFESTAR, INTERVIR

Manifestar. Ir a público em uma tomada de posição, comunicar, reivindicar, levar ao público, de forma individual e/ou coletiva. Corpos que deslocam fora das filas, modos de organização não formais, espaço-tempo impar do urbano-acontecimento. Na ação direcionada, na expressão especializada, nunca se é obrigado a manifestar. Tornou-se algo inédito no lugar onde tudo o que passa conforma. A multidão não homogênea. Permite aprender. Contagiar.

Buscando investigar a potência de experiências de intervenção em espaços urbanos, traço algumas linhas abertas a propósito de manifestações sociais. Para a composição, o encontro com textos escritos e imagéticos de Pablo Ortellado e André Ryoki, organizados por Ned Ludd e contribuições de Leo Vinicius Maia Liberato.

Penso, aqui, alguns desdobramentos (d)e movimentos articulados, dos quais práticas se estabelecem através de formas diferenciadas de ativismo. Procurando aberturas a processos de produção de subjetividades singulares, através de maneiras de manifestar e intervir.

Práticas questionadoras de um processo de globalização da existência humana pela lógica da produção em um mundo regido pelo capital, inventando possibilidades singulares de ação.

Com a intenção de liberar os fluxos, deixam-se as denominações como antiglobalização, antimundialização, resistência global, ou anticapitalista<sup>25</sup> para estudos outros, uma vez que aqui elas limitariam a grafia de expressões e potências das manifestações.

Busco visibilizar mobilizações intensivas, principalmente a partir da década de 1960. Nesse sentido, pensei em relação a algumas práticas em alguns países, em um primeiro momento, referentes a uma confluência de movimentos que

---

<sup>25</sup> Pode-se pensar que a expressão “anticapitalista” começou a ser empregada mais amplamente no final de 1999, como desdobramento das primeiras reflexões teóricas a respeito do J18 (em 18 de junho de 1999 ocorreram protestos mundiais contra a reunião do G8, na Colônia, Alemanha) e do N30 (30 de novembro de 1999, protestos mundiais contra a reunião da OMC em Seattle, EUA). O termo não se referia a um caráter revolucionário ou antissistêmico em oposição a um caráter de reapropriação de componentes singulares a territórios de expressão e constituição molares. Era usado para designar a convergência de movimentos que compuseram o movimento nos anos 1960 e 1970. Mais tarde, em 2000, ele passa a se referir à oposição ao sistema social capitalista. (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 13).

apresentam como ponto comum o questionamento do capitalismo globalizado. Tais práticas são apontadas aqui por inspirar e ressoar com outras intervenções, manifestações e proposições, conforme apontarei adiante.

Nos Estados Unidos, várias manifestações apresentaram ressonância com a ação, em 1999 em Seattle, apontando possíveis contágios para além dos tempos. Como os movimentos ecológicos e antinucleares que se desenvolveram nos anos 1970, foram responsáveis por campanhas contra usinas nucleares, e se auto-organizavam, por afinidade e através de práticas de enfrentamento. Como a cultura do *ativismo de campanha*, denominação dada por Pablo Ortellado (2002) para uma prática inovadora que surge durante os anos 1990, nesse país – uma cultura de campanhas, petições, abaixo-assinados, lobbies e divulgação de informação, contra as más condições de trabalho, por estudantes.

Os fortes protestos contra a Organização Mundial do Comércio que ocorreram em Seattle, em 1999, mostram a potência dos desdobramentos e de expressão de multidões. Neles ONGs, grupos de ação direta, sindicatos e vários movimentos se articularam atuando de forma ímpar e conjunta. Daí emerge o Centro de Mídia Independente<sup>26</sup>.

Inúmeras foram as contribuições para a construção de pensamento e ação. Nesse país, Murray Bookchin, pensador de uma ecologia social, foi importante no movimento. Tendo sido, nos anos 1960, membro da *Liga Libertária* e, na década de 1990, fundado o *municipalismo libertário*.

Para pensar os movimentos na França, seria necessário um estudo particular, em especial a respeito de Maio de 1968 e sua expressão. Destacam-se, entretanto, ações que ressoam e que são apontadas por Ryoki e Ortellado (2004), como a ATTAC, *Association pour la Taxation des Transactions pour l'Aide aux Citoyens*, criada em 1998, enquanto organização civil de prestação de serviços e informações que visava a mobilização, contestação e regulamentação da especulação financeira, em prol de projetos ecológicos e sociais. Nesse país também se apresentavam com potência os movimentos de camponeses, como o da Confederação Camponesa de Bové. Nesse sentido, a visibilidade de minorias em

---

<sup>26</sup> Para cobrir os protestos contra a OMC, o CMI, um banco de dados já existente utilizado então para abolir a mediação midiática, que através da dispensa de direitos autorais para publicação, favorece a mídia alternativa e a utilização por manifestantes.

ação ganha proporção e a criação de informação e maneiras de divulgação expandem tanto os movimentos como a quantidade de adeptos.

No Quebec, o grupo de ação direta, SALAMI, foi fundado em 1998. Criado exclusivamente para o enfrentamento ao Acordo Multilateral de Investimento, discutido pela OCDE na ocasião, e para combater o favorecimento dos investidores estrangeiros. Esteve ativo também durante protestos em 2001.

Na Itália e na Alemanha ocorreram vários movimentos nos anos 1970 e 1980, como o estudantil radical e apartidário, o feminista, o das ocupações urbanas, o operário de base e de ação direta, bem como, de mobilizações contra usinas nucleares e organismos financeiros internacionais.

Na Itália, os “*Tute Bianche* causaram um grande impacto ao utilizar nos seus protestos estratégias criativas como a dos macacões brancos, o uso de escudos e capacetes e estratégias de ‘confrontação não violenta’ com a polícia” (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 26). Além de explorar e planejar criteriosamente impactos na mídia. Entre suas ações, a ocupação, em 1999, de uma base americana durante a guerra do Kosovo e em 2000, em Milão, de um campo de detenção para imigrantes clandestinos.

Na Inglaterra, antes mesmo do surgimento, em 1990, do movimento *Reclaim the Streets* – um movimento a favor de práticas de transporte e deslocamento menos depreciativas, contrárias ao culto ao automóvel, que se tornou referencial mundial –, se desenvolviam práticas de ativismo ecologista como, entre outras, ocupações urbanas e movimentos ecológicos e em favor dos direitos de animais.

Na Argentina, movimentos antiglobalização ganharam visibilidade em meados de 2000, quando em contraposição ao voto obrigatório, se realizavam grandes incursões que caracterizavam o movimento 501. Para não votar justificadamente era necessário estar a 500 quilômetros do alcance do domicílio. Assim, grupos promoviam os deslocamentos de 501 quilômetros em resistência à legislação então em vigor.

Um movimento que se tornou emblemático emergiu no México, em 1994, quando o NAFTA – Tratado de Livre-Comércio da América do Norte – entrou em vigor. Tratou-se de um levante de zapatistas da região de Chiapas (o Exército Zapatista de Libertação Nacional), “um movimento de resistência à globalização que

visa a autodeterminação, a autonomia e o direito à sobrevivência dos povos indígenas e suas culturas” (LIBERATO, 2003, p. 1). Nesse levante “os zapatistas tinham insurgido contra o governo federal e criado municipalidades autônomas onde se buscava a democracia direta, a igualdade de gênero e o respeito às diferenças” (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 15). Com eles foi possível aprender, entre outras coisas, a formação de comitês de solidariedade.

Em 1997, na cidade de Barcelona, reuniram-se com inúmeros movimentos que se utilizam da tática de ação direta no segundo encontro interplanetário contra o neoliberalismo, tendo em vista fundar uma rede global contra o livre-comércio. Como um desdobramento desse processo, ocorreu a conferência Ação Global dos Povos<sup>27</sup>, que parece ter alcançado maior expressividade no dia 18 de Junho de 1999, em Genebra, Suíça, no qual vários países manifestaram-se.

No Brasil, em 1980, houve a consolidação do movimento social MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, visando à reforma agrária, alguns direitos de pequenos e médios produtores agrícolas e sua não exploração, apresentando uma política com tática de ação direta através de ocupações de terras improdutivas.

Expressiva também se mostrou a Rio 92 em relação às ONGs, como aponta Ortellado (2002):

Do estrito ponto de vista das origens da sua influência, talvez as ONGs tracem a história de sua ascensão a partir do encontro Rio 92, um encontro mundial de chefes de Estado, promovido pela ONU, para discutir os problemas ecológicos do planeta. As ONGs tiveram um boom em meados dos anos 80, quando passaram a assumir uma série de tarefas vacantes deixadas tanto pelo Estado, quanto pelos sindicatos, depois do furacão ultra-liberal da era Thatcher-Reagan. Mas foi apenas no encontro paralelo de ONGs durante a Rio 92 que elas se firmaram definitivamente como representantes informais da sociedade civil e demonstraram toda a força de seu lobby pela influência que exerciam sobre a opinião pública mundial.

Ainda no Brasil, consolidações de movimentos de jovens se deram nos anos 1990, “fruto da definitiva politização do movimento punk no final dos anos 80 e de

<sup>27</sup> “Mais de 300 delegados de 71 países foram a Genebra para compartilhar sua raiva pelo domínio corporativo. Das comunidades Uwa, passando pelos funcionários do Correio Canadense, Reclaim The Streets, militantes antinucleares, agricultores franceses, ativistas Maori e Ogono, sindicalistas coreanos, Rede de Mulheres Indígenas da América do Norte, aos ambientalistas ucranianos, todos estavam lá para formar ‘um instrumento global para comunicação e coordenação de todos aqueles que lutam contra a destruição da humanidade e do planeta pelo mercado global, enquanto constroem alternativas locais e poderes populares.” (LUDD, 2002, p. 19).

práticas autogestionárias no movimento estudantil que se espalharam nos anos 80 e 90” (ORTELLADO, 2002).

Em São Paulo, da convergência do movimento estudantil independente e autogestionário e do movimento anarquista, inspirados pelos acontecimentos em Seattle, pela revolta zapatista e pela articulação dos dias de ação global e mais, em 2000, articularam-se linhas na composição de um movimento antiglobalização.

Desdobram-se, a partir de 2001, o Fórum Social Mundial – iniciativa de grupos no Brasil e na França – e vários protestos, ocupações e bloqueios – em São Paulo e em outros estados brasileiros, por exemplo. Protestos, manifestações e bloqueios em solidariedade a ações de outros países, como aquelas contra: a Cúpula das Américas, em Quito; a criação e negociação da ALCA, no Quebec; o encontro do G8, em Gênova; a reunião da OMC, no Catar, a guerra eminente no Iraque, a partir de 2003, entre outros.

Mais recentemente, destacam-se também as revoltas de junho de 2013, no Brasil, que reuniram milhares de pessoas. Em especial em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Goiânia, embora tenham ocorrido em várias outras cidades, e que podem ter se desdobrado de reivindicações contra aumentos dos preços das tarifas do transporte público.

Uma força conjunta, uma tomada de corpo movente, que ganha as ruas, colorindo-as e expressando. Deram-se inicialmente através de articulações e engajamento principalmente em redes sociais, pela internet.

As greves de rodoviários, metroviários, motoristas de ônibus, cobradores, reivindicavam melhores condições de trabalho e incentivo ao transporte público, sendo essa uma demanda geral. Também responsável por formas de deslocamento menos agressivas ao ambiente.

As várias mobilizações contavam com articulações do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo; do Fórum de Lutas Contra o Aumento das Passagens (Fórum de Lutas<sup>59</sup>) do Rio de Janeiro; e da Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte. As multidões posteriormente agregaram diversas reivindicações.

Foram movimentos emergentes dos primeiros anos da década de 2010, associados a insatisfações anteriores. Em diversos países, pessoas se

expressaram, entre essas expressões houve também a Primavera Árabe, no mundo árabe; *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos; e *Los Indignados*, na Espanha.

Pensando localmente em alguns fluxos de ação, é possível perceber novas maneiras de manifestar. Trata-se de manifestações, de outras naturezas daquelas convencionais do protesto, mas que aprendem, ressoam e se inspiram em formas de expressão de diversos movimentos, bem como de pensamento.

Em Curitiba, percebo movimentos que reivindicam alguns espaços públicos e seus usos, recriando-os. Intervenções que aproximam a vida da arte, pela sua face criativa. E são também modos de alterar, intervir, de tomada de decisões e ações em relação a algumas questões que se mostram urgentes e que são de interesses sociais e ambientais. Dizem respeito à micropolíticas de mobilidade urbana, eleitas como objeto dessa pesquisa. Iniciativas como as dos arte-ativistas da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu: as *Bicicletadas* de Curitiba, a construção da *Praça de Bolso do Ciclista* e o festival *ARTEBICIMOB*.

Outras formas singulares de expressão também ocupam as ruas da cidade, como os artistas, Efigênia, Plá, e Hélio Leites. Possíveis de serem vistos por olhos sensíveis, atentos e ecosóficos.

Essas são linhas abertas que grafitam movimentos sociais, múltiplos, heterogêneos, com formas de atuação distintas, contrários ao poder de instâncias darem forma ao mundo. Práticas que são atravessadas por invenções e não configuram somente resistência.

Modos de agir em conjunto se dão de diversas formas, envolvem o múltiplo e atuam enquanto possibilidades de aprendizado. Pensar a respeito de associações, ONGs e coletivos envolvidos nos movimentos, manifestações e intervenções, possibilita perceber, além da abertura de visibilidade de problemas macroestruturantes, formas distintas de organização, de relações e de contágios, que são micropolíticas, que são educativas.

É possível aprender com as tentativas de articulações e desarticulações face ao temporário. Através dos encontros, as conferências, palestras, debates, as práticas e as táticas, como as ações diretas e ocupações, entre outras. Momentos de conexões, contágios e aprendizado de ação, de ativismo.

Nessas intervenções e manifestações, se configuram e educam formas de ação – como protestos, manifestações, mobilizações e intervenções – e de conexão pelo mundo através de redes.

A forma de funcionamento da rede é bastante diferente. Redes não são organismos com uma estrutura organizacional definida ou com posições uniformes - elas são flexíveis e fluidas e são plurais e descentralizadas. Redes são uma forma relativamente nova de associação na qual as "partes" (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos respeitando apenas princípios gerais acordados. Dessa forma, as redes permitem a convivência e o trabalho comum de grupos e indivíduos bastante diferentes, que não precisam sacrificar suas posições particulares para atuarem em conjunto. O que une aqueles que atuam na rede são apenas objetivos bem determinados e princípios gerais que restringem numa medida razoável a participação para que se mantenha uma mínima orientação política. (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 17)

Das contribuições para se pensar espaços e práticas educativas singulares, entre as mencionadas e outras, têm-se: as intervenções; a auto-organização e por grupos de afinidade – “não hierárquica, não burocrática e autônoma” (LUDD, 2002, p. 10); a organização por rede de caráter fluido e flexível (articulação de grupos, livre associação); os estudos de ações e implicações; o estabelecimento de princípios, práticas e táticas; a criação e distribuição de informação através da internet; a potência das multidões, dos contágios e da tomada de posição em relação às questões sociais e ambientais; o respeito a todas as diferenças...

Contribuições para constituição e experimentação de outras formas de viver e de se relacionar, de novas formas políticas e sociais, em uma reapropriação da vida pela liberação temporária da ordem estabelecida e pelas ações individuais e coletivas nas multidões. Levante como processo de formação, resistência como ação cultural<sup>28</sup>.

Dessas práticas se desdobram inspirações de ordem ética, estética e política. Viabilizando a constituição de subjetividade singular e a invenção de formas de relação com o social e com o ambiente, envolvendo autonomia, participação, proposição, invenção, ativismo, resistência, multiplicidade, diferença... Fuga aos moldes capitalistas padronizados, indicando abertura de mundos.

---

<sup>28</sup> Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira (2008).

Emerge na São Francisco  
Depois da seca da selva de pedra  
Banhando toda a placa urbana.

Vaporiza em vários pontos da placa.  
Vapor de tempos diferentes também.

Sementes brotam entre os paralelepípedos  
Cantos de muros e calçadas esquecidas  
Jardinagens libertárias ou naturais.

Chove na praça.  
*A gente está preservando o céu<sup>29</sup>.*

---

<sup>29</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

## 6 MOVIMENTOS URBANOS

Em Curitiba, durante o ano de 2014, acompanhei algumas proposições de artistas e ativistas da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu. Passei a conhecer um pouco sobre essa associação, a habitar alguns territórios e a entrar em contato com pessoas e as ações desenvolvidas, procurando aprender nelas e com elas.

Depoimentos foram produzidos e compõem os registros formais, foram gravados em áudio, transcritos e analisados. Desses registros formais, as vozes são dos integrantes da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu: Patrícia (Valverde), arte-ativista, fundadora da Bicicletaria Cultural; Dráuzio (Aparecido de Almeida), ativista, professor; Goura (Jorge Gomes de Oliveira Brand), filósofo, professor de Yoga, foi coordenador geral da Associação Cicloiguaçu de 2011 a 2014, atualmente é membro de seu Núcleo de Educação; José Carlos (Assunção Belotto), coordenador de educação e cultura da Associação Cicloiguaçu; e Valdeci (Alves da Cruz Bitencourt), cicloativista, paisagista. Pensando em compor com essas vozes e olhares, construo junto a elas as linhas que seguem.

A Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, para Goura (Jorge Gomes de Oliveira Brand) em seu depoimento, surgiu das Bicicletadas de Curitiba, que por sua vez surgiram do *Coletivo Interlux*. Esse coletivo de arte – do qual Goura fez parte desde aproximadamente o ano de 2004, bem como Fernando (Chotguis Rosenbaum) – entrevistou durante anos na cidade de Curitiba e desenvolveu práticas singulares que tomaram proporções próprias.

Entre as práticas desenvolvidas pelo *Interlux* estava, além das *Bicicletadas*, a *Jardinagem Libertária*. A Jardinagem tratava-se de formas de contato com a natureza, de preservação e produção própria de alimentos – ocupando espaços urbanos –, por exemplo, que não dependiam da aprovação dos órgãos públicos. Plantios. Dela também desdobrou a oficialização do Bosque de Sofia, no Centro Cívico da cidade.

Das vivências com as bicicletadas e constituição de um corpo interventor que repensava questões de mobilidade urbana: *A gente pensou inicialmente a*

*necessidade de uma associação, a partir da necessidade de fazer as demandas serem mais ouvidas pelo poder público e pela sociedade em geral*<sup>30</sup>.

A Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu foi fundada em maio de 2011 para dialogar com o poder público, apoiar o uso da bicicleta como meio de transporte e problematizar a utilização do espaço público. Da associação participam ciclistas, artistas, ativistas e estudiosos de diversas áreas do conhecimento, de Curitiba e região metropolitana.

Ela estabelece algumas relações e tem algumas entradas em eventos e organizações. Para registrar algumas ações desenvolvidas por integrantes dela, além das escolhidas para análise: a realização do 3º Fórum Mundial da Bicicleta e uma proposição para o DETRAN/PR.

O Fórum Mundial da Bicicleta é um evento que acontece no mês de fevereiro, desde 2012. A data para sua realização foi escolhida em manifestação contrária ao atropelamento intencional de participantes da *Massa Crítica* – bicicletada – de Porto Alegre, em 25 de fevereiro de 2011. Ele foi criado, então, como uma oportunidade de discutir sobre a violência no trânsito, os usos da bicicleta e modificação dos espaços urbanos.

Representantes da associação estiveram presentes no 2º Fórum Mundial da Bicicleta, que aconteceu em fevereiro de 2013. Isso permitiu que esse encontro, que até então havia sido realizado em Porto Alegre, fosse realizado em Curitiba, em fevereiro de 2014, sob sua organização.

Esse evento sempre contou com a participação de convidados nacionais e internacionais. Na terceira edição, neste ano, estiveram presentes nomes importantes relacionados à mobilidade por bicicleta de vários países, como: Carlos Cadena Gaitan (Holanda), Carlos Marroquin (Guatemala), Chris Carlsson (Estados Unidos), Elly Blue (Estados Unidos), Lars Gemzoe (Dinamarca), Mona Caron (Suíça, radicada nos Estados Unidos), Olga Sarmiento (Colômbia) e Uwe Redecker (Alemanha). O próximo fórum acontecerá em Medellín, na Colômbia.

Ainda nesse ano, de uma demanda insatisfeita por não ter assegurada a visibilidade de seus direitos e deveres legais, representantes da associação incidiram junto a representantes do Departamento de Trânsito do Paraná –

---

<sup>30</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

DETRAN/PR compondo a Comissão Revisora do Banco de Questões de primeira habilitação<sup>31</sup>.

Através de leituras, análises, revisões e reformulações de bancos de dados, questões relacionadas à bicicleta, que até não eram consideradas integrantes das questões de trânsito, ganharam espaço. Promoveu-se, assim, uma modificação estrutural no banco de questões do exame teórico de primeira habilitação.

Exame que faz parte de uma primeira formação institucional obrigatória para o trânsito, depois da escola – onde esse conteúdo seria trabalhado de forma transversal. Formação necessária para os deslocamentos por automóveis.

A iniciativa resultou também na criação e distribuição de materiais informativos a respeito da legislação brasileira de trânsito sobre bicicletas. Material que foi inspirado no livreto de Claudiléa Pinto da associação *Transporte Ativo* do Rio de Janeiro.

Penso com Guattari (GUATTARI; ROLNIK, 1996), assim, uma reapropriação de componentes singulares – relacionados à bicicleta e seus usos – àqueles de legitimação do uso de automóveis vindos da esfera legal e atingindo boa parte da população.

Reapropriações também possibilitadas por relações que a associação estabelece, como aquelas junto a *Bicicletaria Cultural*, ao programa *Ciclovida* e outros, pela criação de eventos, encontros e atividades singulares.

A *Bicicletaria Cultural*, para além de um estacionamento de bicicletas, sempre foi um território de importantes encontros, é também sede da própria associação. Território de formação para o ativismo e valorização de arte e cultura independentes. Da qual estavam à frente a cicloativista, artista e produtora cultural, Patrícia (Valverde), e o arte-ativista, um dos propositores do Coletivo Interlux, Fernando (Chotguis Rosenbaum).

*Ciclovida*, trata-se de um projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná no qual se trabalham questões relacionadas à mobilidade urbana por bicicleta, junto a diversos cursos de graduação. Envolvendo assim diversas áreas do

---

<sup>31</sup> Comissão criada pela portaria nº 275/2014-DG. Para mais, ver: COMISSÃO, 2014.

conhecimento, através da realização de pesquisas e produção de conhecimento, bem como de eventos no contato com a sociedade em geral.

Quanto às outras relações estabelecidas, se dão junto ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), à SETRAN, ao DETRAN/PR, à União de Ciclistas do Brasil (UCB), à Federação Paranaense de Ciclismo (FPC), ao Instituto de Energia Humana, ao movimento Voto Livre. Há, também, um representante dela no CONCITIBA, Conselho da Cidade de Curitiba, conselho municipal da prefeitura, colegiado e deliberativo de política urbana, que configura um espaço de discussão pela sociedade civil sobre mudanças na estrutura urbana.

Entrei em contato com a associação interessado em investigar a proposição *Vaga Viva*, que se trata de intervenções urbanas temporárias e de reivindicação do uso do espaço público. São ocupações de vagas de estacionamento nas ruas da cidade e que desdobram em espaço de convivência, criação e manifestação. Onde durante certo período de tempo pessoas se reúnem, ocupam e compõem o espaço. Esse território, por vezes, ganha contornos artísticos e culturais. Não presenciei nenhuma delas durante o acompanhamento na pesquisa, embora algumas tenham acontecido durante o ARTEBICIMOB. Em Curitiba e nesse período essas intervenções estavam vinculadas à Associação Cicloiguaçu e seus integrantes.

Dos territórios habitados e processos acompanhados, os que envolvem as proposições que compõem o movimento pela mobilidade urbana por bicicleta nessa cidade e região: algumas *Bicicletadas*, o festival ARTEBICIMOB de Curitiba e a construção da *Praça de Bolso do Ciclista*. Foram realizados diálogos com diversas pessoas envolvidas, proponentes e participantes, tratando-se de vozes que são parte dessa composição. Alguns compõem os registros formais já mencionados. Analisando, busquei captar aspectos e processos educativos presentes e identificar possíveis dimensões educativas que esses aspectos e processos atingem. Investigando a potência dessas experiências nos espaços urbanos, especialmente na perspectiva da ecosofia e da formação.

## 6.1 Bicletadas de Curitiba

Das bicicletadas que acontecem na cidade de Curitiba, acompanhei a concentração da *Ghost Bike para Letícia Rodante e Bicicletada em prol da vida e respeito no trânsito* e participei da *Marcha das 2014 Bicicletas*.

Ghost Bike é o nome de uma intervenção que, nessa cidade, passou a acontecer no percurso de uma bicicletada. A intervenção consiste na fixação de uma bicicleta branca próximo ao local onde uma pessoa morreu vítima de um acidente de trânsito envolvendo veículo e bicicleta. Configurando, assim, uma homenagem ao ciclista, um alerta e chamada de atenção ao respeito no trânsito e uma maneira de manifestar contra a agressividade nos deslocamentos.

Na proposição acompanhada houve grande mobilização dos cicloativistas que se reuniram na Praça 19 de Dezembro, na região central da cidade, tendo participação também da imprensa local para divulgação do evento. A Ghost Bike foi fixada no local do acidente envolvendo Letícia Rodante, ela que ao se deslocar em uma ciclovia paralela à BR-277, em abril de 2014, foi atropelada em um cruzamento por um caminhão a serviço da Prefeitura Municipal de Curitiba.

A bicicleta branca pode remeter ao movimento *Provos* de Amsterdam, nos Países Baixos, da década de 1960, que pensava, entre outras coisas, uma reestruturação do centro dessa cidade, tendo em vista as questões de mobilidade. As bicicletas brancas faziam parte de uma proposta que integrantes do movimento fizeram ao poder público e, posteriormente realizaram, de distribuição de bicicletas pintadas de branco para uso livre pelas pessoas.

Enquanto em Amsterdam a bicicleta branca simbolizava a busca da garantia do acesso às bicicletas e a possibilidade de se repensar a mobilidade urbana, em Curitiba não é muito diferente. Nessa intervenção, trata-se ainda de uma maneira simbólica que busca, junto às outras práticas do movimento, a garantia da vida dos ciclistas no trânsito.

Iniciativas que constroem um universo referencial do movimento cicloativista, atribuindo sentidos às ações e objetos e desdobrando territórios de contágios, educativos, a respeito dessas questões.

Participei da Marcha das 2014 Bicicletas que aconteceu no Dia Mundial Sem Carro, 22 de setembro, nessa cidade. E através dessa participação pude perceber, de diversas maneiras, aspectos educativos da proposição bicicletada, associando-a a leituras realizadas sobre sua organização<sup>32</sup>.

A bicicletada envolve um tipo de manifestação organizada, onde muitas pessoas vão às ruas de bicicleta, juntas, e formam uma grande massa crítica<sup>33</sup>. Um encontro programado no qual há, geralmente, um consenso entre participantes na organização. São pensados o local de saída, o trajeto e o local de chegada da massa crítica, por exemplo. É como um passeio que toma a rua, o lugar dos carros.

Dos aspectos que foram particularmente educativos: o movimento, os deslocamentos, as ações no decorrer, os ritornelos que ainda ressoam, sua composição, a solidariedade e suas possibilidades.

Durante a bicicletada pareceu necessário manter o movimento, um fluxo, fazendo as pessoas de bicicleta estarem próximas e formarem realmente uma massa crítica. Como uma aula de compartilhamento e deslocamento nas ruas, onde a composição da massa pode garantir a tomada da rua, a visibilidade da consistência e da intervenção e o deslocamento no trajeto.

Alguns ativistas se ocuparam da frente da massa, outros do meio e outros do final dela. Os primeiros bloqueavam os carros quando os sinais depois de fecharem voltavam a abrir, permitindo a passagem dos ciclistas. Mostrou-se necessário prever que logo à frente teria outro semáforo que se abriria, em algum momento participei dessa ação. Habitando.

Goura (Jorge Gomes de Oliveira Brand), que também estava presente, conversava com motoristas sobre as pautas da manifestação, que envolvem formas menos depreciativas de deslocamento, preservação do ambiente e construção de solidariedades. Explicava sobre o bloqueio, sinalizando a passagem da massa. Aproximações.

No meio da marcha, circulavam pessoas que mantinham sua homogeneidade, preenchendo suas frestas e dizendo do aumento ou redução da velocidade em determinado ponto dela. Atrás, alguns ativistas asseguravam que não

---

<sup>32</sup> Em especial, Ned Ludd (2002).

<sup>33</sup> Para mais, ver Ned Ludd (2005).

se deixasse nenhum ciclista no caminho e, se houvesse, que esse alcançasse os demais.

Percebi também certa solidariedade entre os participantes. Em certos momentos, algumas bicicletas apresentaram algum problema e fizeram ciclistas parar. Outros integrantes deixaram a marcha e foram prestar ajuda, podendo ou não ter retornado a ela. Eram momentos de trocas, tanto nas paradas quanto no deslocamento. Algumas pessoas já se conheciam, outras passaram a se conhecer.

Foi curioso como alguns ritornelos davam vida ao movimento, animavam, energizavam, potencializavam. Ritornelos pensados enquanto frases de efeito, frases prontas ou improvisadas, pelos manifestantes. “Mais bicicletas, menos carros”, “mais adrenalina, menos gasolina”, “mais amor, menos motor”... Pareciam ondas que iam e vinham de energias vocais. Além das repetições, os participantes, por vezes, tomavam-nas para si ou as inventavam.

Não eram todos que tomam frente à voz, parecia que algumas pessoas já integravam o movimento e se sentiam parte e propositoras, outras arriscavam iniciar um ritornelo e ficavam animadas pela participação, outras ainda cediam espaço para que a atitude partisse ou se despertasse no movimento.

Vejo possibilidades de despertar atitudes autônomas em/de manifestação, além da configuração do próprio território de aprendizagem da bicicletada.

Pensei também que, dependendo da forma da abordagem, era possível chamar pessoas a participar ou afastá-las. Os ritornelos estavam ali para chegarem a outras pessoas, como aquelas que acenavam ou saíam curiosas nas janelas das casas e prédios. Era possível cativar e inventar.

Os participantes no percurso conversam, fotografavam, eram fotografados, ajudam a bloquear as ruas, se expressavam, ajudavam uns aos outros e experimentavam ritmos diferentes no mesmo rio que corria.

Das possibilidades, para mim, tratando de sensação e do experimental, a vivência permitiu percorrer variações de deslocamento dentro da marcha, vivenciando velocidades, paradas, diálogos, expressando, auxiliando, acompanhado ou sozinho. Pude, também, sentir um certo pertencimento à massa, ao grupo, a uma causa.

Enquanto orientação, foi possível perceber algumas definições, como dos temas escolhidos para as manifestações, do trajeto, da presença de alguns ativistas orientadores, das formas de divulgação. E no momento vivenciado, atentando a consistência de massa, ao bloqueio de carros e ruas, ao diálogo com motoristas e com pedestres. Aprendendo no movimento a compô-lo ativamente.

*Fica um sabor de vida no corpo, um fazer parte e perceber-se potente pra criar*<sup>34</sup>.

A bicicletada mantém um caráter plural, tendo como participantes alguns ativistas, ciclistas profissionais, adeptos da bicicleta e curiosos. Cada um deles se faz presente de forma a manifestar suas demandas ou simplesmente estar, indicando também terem algo em comum. Um movimento que vai ganhando adeptos por onde passa e da forma como compartilha, ou como busca a partilha.

Uma marcha, uma tomada das ruas, ativismo, política, expressão; “usualmente fazendo parte de manifestações contra guerras, contra o Banco Mundial, o FBI, o G8, nas quais são reivindicadas relações mais ecológicas” (LUDD, 2005, p. 124). Prática que pode ser pensada, orientada e vivenciada de forma independente de movimentos já existentes.

As massas críticas acontecem em várias partes do mundo e têm configurado uma maneira de manifestar. Em Curitiba, por exemplo, há variações, ou desdobramentos dela, como as bicicletadas realizadas pelo coletivo *Saia de Bici*, que pensa a relação da mulher com as questões da mobilidade urbana.

Essas intervenções são, para mim, expressão mais visível de zonas autônomas temporárias, que retomam o espaço público para as pessoas e para as bicicletas, manifestando, também, o compartilhamento e a preservação do ambiente. Construção de práticas de afirmação de significados.

Em Curitiba, essas proposições ocorrem desde 2003, vinculadas ao Coletivo Interlux.

---

<sup>34</sup> Registro experimental meu.

## 6.2 ARTEBICIMOB

Durante o mês de setembro, em Curitiba, acontece um festival de ampla programação chamado ARTEBICIMOB. Programação de atividades que reúnem arte, bicicleta e mobilidade. Pude acompanhar algumas atividades desenvolvidas ao longo do evento.

Inaugurado em 2007, contou nesse ano com vários debates sobre mobilidade urbana e usos da bicicleta e uma exposição de trabalhos de diversos artistas locais. Em ampliação, nos anos seguintes, as exposições aconteceram em lugares diferentes, buscando atingir um número maior de pessoas.

No ano de 2014, seu calendário foi organizado pela Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, contando com a participação aberta de inscrições de atividades, e aconteceu também no município de São José dos Pinhais.

Das atividades desenvolvidas, o Desafio Intermodal criado pelo projeto *Ciclovida* da Universidade Federal do Paraná, exposições como aquelas na Bicicletaria Cultural, a intervenção *Música para Sair da Bolha*, oficinas, palestras, pedaladas, a mostra *Cicle Cine*, teatro e *Vagas Vivas*.

Pude acompanhar a mostra de filmes *Cicle Cine* durante o ARTEBICIMOB, que contou com o apoio da Fundação Cultural de Curitiba. Dos filmes expostos: *Tem que ter moral*, *Saia de Bici - Nós mulheres e a bicicleta*, *Circulação Exclusiva*, *Fui ao Fórum de Bike*, *Como voar com uma bicicleta dobrável*, *Bike boy*, *Liga de BikePolo Feminino - SP*, *30 km - A velocidade que respeita*, *Um resumo do 3º Fórum Mundial da Bicicleta*, *Norte Sul Leste Oeste*, *Tweed Ride São Paulo 2014* e *Musicletada 2013*. Tratava-se da divulgação de produções locais e de outros estados, bem como divulgação de componentes da cultura da bicicleta como meio de transporte – como o coletivo *Saia de Bici* de Curitiba e sobre o *Fórum Mundial da Bicicleta* em sua terceira edição.

Estive presente, também, à *Musicletada*, a palestras e conheci um pouco sobre o *Projeto Cíclica*.

*Musicletada* diz respeito a um festival que acontece desde 2009, criando um ambiente de aprendizagem na cidade sobre mobilidade urbana, com a música.

Neste ano de 2014, tratou-se da quinta edição e teve como palco a *Praça de Bolso do Ciclista*. Como expressão semelhante aos demais eventos do movimento, foi um festival plural. Apresentou atividades como aula de Yoga, oficina de Design, oficina de produção de pipas para crianças, a oficina *Como construir sua própria Bicimáquina* pelo Instituto Energia Humana, e shows com artistas independentes.

Acompanhei, durante o evento, a palestra *Bicicletas e políticas públicas: a importância do ativismo* com André Soares, presidente da União de Ciclistas do Brasil. Uma aula sobre ativismo e mais especificamente a respeito do universo da mobilidade urbana por bicicleta. Aula pública, em espaço público, aberta a intervenções e diálogo.

Pude aprender um pouco, também, sobre o coletivo *Saia de Bici*, conversando com algumas participantes dele durante esse evento. Elas contaram que inicialmente esse movimento apareceu enquanto intervenção artística, articulando as mulheres ao universo da ciclomobilidade. E que, aos poucos, ele foi desenvolvendo um quadro de propostas e configurando mais fortemente um movimento feminista. *E você tem uma rede de meninas super bacanas, que não é só a bicicleta; é a bicicleta e tudo o que tem ao redor dela, que na verdade são as nossas vidas em Curitiba*<sup>35</sup>. Vê-se, dessa forma, desdobrar um território de encontro de contiguidades e de afirmação.

Elas estavam propondo, nesse dia, o *Projeto Cíclica* e disseram a respeito dele. Esse projeto trata-se de uma ideia, de tentar identificar quem são as mulheres que utilizam da bicicleta e como são as experiências delas a esse respeito, que foi acolhida pelo coletivo. Ideia inspirada também em blogs de países estrangeiros, compostos de depoimentos e imagens de mulheres ciclistas. O objetivo durante o evento era entrar em contato com as ciclistas. Posteriormente fazer a divulgação das informações no blog e na página de uma rede de relacionamento do coletivo. *E assim, mostrar quem são essas pessoas. De repente, pode servir de inspiração para alguém*<sup>36</sup>.

Essas atividades, que aconteceram e configuraram o mês de setembro como um espaço no calendário para a bicicleta, nos convidaram e convidam a

---

<sup>35</sup> Depoimento de Juliana. Optei, para referir-me às depoentes, utilizar o primeiro nome delas, em se tratando de conversas informais.

<sup>36</sup> Depoimento de Norma.

aprender com elas. Atividades que, durante esses anos de realização, viabilizaram que esse mês passasse a ser reconhecido também na legislação do estado.

Para o mês de setembro houve uma proposta, em 2012, dos arte-ativistas para a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná que foi aceita. Tendo então a bicicleta tomado um espaço no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Paraná com a aprovação da Lei 17.385/2012, que institui setembro como o Mês da Bicicleta.

Essa lei também objetiva a mobilização do poder público, iniciativa privada, comunidade acadêmica, escolar e outros segmentos organizados da sociedade no "desenvolvimento de atividades, ações e campanhas que esclareçam e incentivem o uso da bicicleta como meio de transporte" (PARANÁ, 2012). Tendo, dessa forma e segundo alguns arte-ativistas, o movimento conquistado ainda mais visibilidade e possibilidade de ampliações, bem como abrindo margem para alcançar um número maior de pessoas e assegurando uma educação para as questões da ciclomobilidade e ambientais relacionadas, no estado.

No calendário do mês de setembro e durante o festival está situado o dia 22 de setembro, que representa o Dia Mundial Sem Carros. Ele já era comemorado e promovido, em várias cidades brasileiras e se tornou uma referência em expansão, tal como os Dias de Ação global. Momento em que uma grande marcha, a Marcha das Bicicletas, ganha as ruas em um misto de festa e ocupação do espaço público. Em 2014, essa data foi escolhida para a inauguração da Praça de Bolso do Ciclista.

Penso, também, na configuração do evento enquanto evento aberto, auto-organizado, propositivo. Sendo as atividades propostas pelos próprios ativistas, artistas e interessados na questão da mobilidade por bicicleta. Tratando-se de um festival que pode estimular a autonomia dos envolvidos, pela abertura para proposições mais ativas e formativas e que reúne variações do movimento em expressão.

Nesse percurso o festival foi apresentando formas de conexões múltiplas e crescentes, onde as articulações são várias e plurais. Bem como, permite uma ampliação do movimento pela mobilidade urbana por bicicleta e configuração de territórios e práticas educativas singulares – por possibilitar encontros com esse universo referencial.

A inter-relação entre esses componentes simbólicos variados indica uma consistência, ou ainda, uma força expressiva e de grande alcance do movimento. Estou certo de que esse evento é um interessante território a ser mais bem explorado.

### **6.3 Das ilhas de convivência: uma Praça de Bolso do Ciclista**

De uma forma, por vezes simbólica, mas carregada de desejo de experimentação de escrita, essas linhas que seguem pretendem contar um pouco sobre a construção da *Praça de Bolso do Ciclista* e de aspectos educativos possíveis de serem aqui pensados. Construção, que coincidiu com o início das pesquisas de campo referentes a proposições dos arte-ativistas da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu.

Uma ilha de bolso foi construída na nascente da cobra de pedra bruta que desemboca no centro histórico da cidade de Curitiba. Espaço público que se tornou demanda de território de *convivência ligado à mobilidade por bicicleta*<sup>37</sup>.

A ideia de ocupar um espaço público central isolado e inutilizado com uma praça foi apresentada pelos arte-ativistas da Associação Cicloiguaçu para o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Aprovada em 2013 e incluída no Plano Cicloviário da cidade.

A praça seria construída e entregue durante o *3º Fórum Mundial da Bicicleta*, que no ano de 2014 aconteceu em Curitiba. Mas por conta de razões as quais não se sabe afirmar, talvez pela proximidade do evento Copa do Mundo de Futebol, por questões orçamentárias e de mão de obra para a construção, o estipulado não ocorreu.

Durante esse fórum, uma medianeira de um prédio, que compõe o fundo desse espaço público central até então isolado e inutilizado, ganhou um painel de Mona Caron. Painel que faz parte da poesia da artista suíça, que é registrada

---

<sup>37</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

também em várias partes do mundo. Mona Caron é uma das participantes da *San Francisco Critical Mass* da Califórnia/EUA onde vive. Aqui a pintura é de uma viva flor e uma bicicleta de asas. Arte e participação fazendo aproximações entre movimentos ativistas.

Com a demora da realização, os arte-ativistas fizeram uma nova proposição e essa foi aprovada: a construção da praça em mutirões por eles próprios e por pessoas voluntárias, com apoio técnico, material e de maquinário pela prefeitura municipal.

Então, conversas com órgãos públicos levaram a um esboço de um primeiro projeto que foi preciso adequar, *cada vez mais, depurando, refinando*<sup>38</sup>, até chegar a um desenho final. Com o projeto inicial do IPPUC, para a construção da Praça de Bolso do Ciclista houve reuniões preparativas: *nós tivemos quarenta dias de reuniões, uma vez por semana. E as ideias foram sendo propostas.*

O nome Praça de Bolso, segundo Valdeci (Alves da Cruz Bitencourt), veio do termo *Pocket Parks*, que geralmente tem a intenção de ser uma área verde, uma área de convivência, um espaço mais tranquilo dentro de um grande centro urbano. E apresenta variações – apesar de ter em comum a ocupação de um pequeno espaço – dependendo dos lugares onde são construídos, como nos Estados Unidos, Reino Unido, México e Canadá, por exemplo. Acompanhando esse processo entrei em contato, assim, com ideias, proposições e intervenções de outros países.

Acompanhei no dia 24 de abril de 2014, na Bicletaria Cultural, a reunião de apresentação do projeto da Praça de Bolso do Ciclista. Reunião aberta ao público para participação, onde foram levadas dúvidas e sugestões. Bem como, foram feitos ajustes finais do projeto e pensaram a realização de oficinas e atividades culturais durante o período de construção. No dia 30, apresentaram o projeto da praça para o prefeito e secretários de Obras e de Meio Ambiente da administração pública da cidade.

*[...] começamos os trabalhos no dia três de maio, quando nós entramos na praça. Ali trabalhamos todos com esse objetivo maior que é uma conquista pra ciclomobilidade de Curitiba.*

---

<sup>38</sup> As vozes em itálico nesta página são de Valdeci Alves da Cruz Bitencourt e de seu depoimento.

Uma pedagogia da participação tomou o lugar daquela do lucro, da hierarquia e da obrigatoriedade. E o peso do fardo das relações foi esquecido no entardecer do quinto dia. O trabalho não caracterizou mais a ação. Um bando aberto experimentou.

Houve aqueles que trabalharam com obras, aqueles com projeto. Então, em todas as reuniões apareceu um especialista em uma atividade. E na hora da ação, todos eles se tornavam aprendizes de algo.

Foram realizadas reuniões de organização dos mutirões e definição de atividades de construção, artísticas, culturais, bem como confraternização entre o grupo presente; contato e convite a amigos artistas, ativistas; invenções de formas de divulgação, como produção de cartazes, de murais, com grafite, stencil, divulgação via internet, em sites e páginas de sites de relacionamento.

Estive presente em algumas reuniões e ao sair delas parecia ter recarregado energias. Havia um desejo de fazer, de agir, de realizar algo. Uma aposta no trabalho coletivo, organizado horizontalmente. Uma alegria de um encontro potente, onde pessoas em suas contribuições de diferentes áreas do conhecimento estavam realmente interessadas em fazer algo. Território que permitia aprendizagens tão plurais e criativas, que indicavam entradas possíveis em processos de formação ativista também plural e criativa. Comecei a repensar a organização e a intensidade de ação de grupos dos quais participei em outros espaços, durante minha graduação.

No período de maio a setembro de 2014, o sexto e o sétimo dias foram de construção e festa. Todos os finais de semana voluntários se reuniram e territorializaram o espaço público, anteriormente inutilizado, através da partilha dos mutirões.

O mutirão foi *um movimento que motivou as pessoas que trazem, que justificam e que é uma coisa muito prática e é uma prova de que as coisas podem ser construídas e são construídas*<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Depoimento de Patrícia Valverde.

Generosamente, tanto em conversas informais quanto nas formais, os artistas-constructores disseram da construção coletiva. Sempre houve um grupo que esteve presente na maior parte do planejamento e construção.

Especialistas que se tornavam aprendizes. Do fino traçado no papel, ao concreto do muro em construção. Da comunicação virtual, conexões de informações, organização e pessoas na praça pública. Das aulas lecionadas, a geografia das pedras assentadas e niveladas. Do design programado, a experiência do grafitar. Da burocracia jurídica, o ativismo.

Generosamente, pessoas de diversas partes da cidade e região participaram da construção da praça e descobriram possibilidades de aprender junto às atividades desenvolvidas. Cada um à sua maneira e segundo sua abertura.

*[...] é um fenômeno, tanto que todo mundo se espanta que esses mutirões ainda aconteçam, que ele reúna tantas pessoas interessantes, que as famílias também estão agregadas ali e que eventos culturais tragam pessoas [...] difíceis de chegarem e serem conquistadas por algum evento. Então, a gente sabe que tem arquitetos, a gente sabe que tem artistas, músicos, enfim, pessoas bem interessantes que vão ali, no final de semana, pra apoiar o mutirão, para participar, curiosos para ver o que acontece<sup>40</sup>.*

Um convite para sair da bolha, a fazer você mesmo, a ter um novo grupo de amizade ou até mesmo de profissionais. *De repente, você tem uma ideia ali e está conversando com um publicitário, um fotógrafo, um jornalista, um artista plástico<sup>41</sup>.*

O território foi sendo composto por várias forças e experiências. A presença no local, por exemplo, podia aproximar as pessoas do movimento pela mobilidade por bicicleta, sendo pelo contato com os ativistas, estudiosos e líderes de diversas áreas do conhecimento, pelos diálogos que se iniciavam, parcerias, sendo pelas leituras disponíveis em materiais informativos. Práticas plurais foram desenvolvidas e convidaram pessoas a experimentarem-nas, configurando momentos de aprendizagens inusitadas. Aconteceram também, a cada final de semana, diversas oficinas propostas pelas próprias pessoas interessadas no movimento ativista.

---

<sup>40</sup> Depoimento de Patrícia Valverde.

<sup>41</sup> Depoimento de Valdeci Alves da Cruz Bitencourt.

Das oficinas, as de *Horta Capilar*, de *Malabarismo*, as *Oficinas de Mosaico* orientadas pelas pessoas de um grupo que trabalhava no Centro de Criatividade de Curitiba. Oficina de *Arte Urbana*, sobre técnicas de grafite com André Mendes, Thiago Syen, Thiago Thipan e outros mais. *Oficina de Panificação* com o francês Bernard Lamarque, formado em tecnologia da padaria francesa que estava viajando pela América do Sul de bicicleta e passou por Curitiba. *Oficina de construção civil*, arrimo, armação, pavimentação, *petit pavet*, restauração, reboco. De bioconstrução com a tecnologia *super adobe* na realização do banco principal circular da praça...

Para as crianças, especialmente, as de *Mini Jardins para Crianças*, além de jogos e brincadeiras disponíveis e a exploração do espaço. Tão singelo era também o montinho de areia e o encanto delas ao brincar. Quando ele precisou dar espaço às obras, ganhou até repercussão nas divulgações pela internet.

Patrícia (Valverde) em seu depoimento contou sobre a integração das idades, das pessoas, dos interesses. Em especial sobre a integração das idades e da possibilidade de levar suas filhas a esses territórios que habita: *e elas já são/ já estão integradas na Bicicletaria – tem tico-tico pra crianças, tem espaço pra elas – elas circulam bem aqui entre os adultos e os adultos também circulam entre as crianças [...] é um espaço de integração [...] que se desaguou ali também para a praça*<sup>42</sup>.

Durante alguns finais de semana, Goura (Jorge Gomes de Oliveira Brand) propôs a *Caminhada: Pequenos Pedestres Grandes Motoristas*, levando-os a conhecer a Rua São Francisco – na qual a praça ocupa o marco zero –, sua sinalização, fazendo indicações sobre direitos e deveres dos pedestres no trânsito e nas ruas. *[...] tem muitas mães ali querendo discutir o que que é legal nesse espaço.*

A maior parte das presenças implicava em proposição, ação. Eram pessoas que levavam seus trabalhos, pesquisas e interesses e dividiam com passantes, curiosos, abertos ao contato. Chegar e fazer parte também pedia uma atitude, interesse. Era aprendizagem pela disposição, pela abertura, pelo contato, em uma construção de relações com universos referenciais por vezes bem diferentes dos habituais. Aprendendo formas mais autônomas de ações e relações. Pedagogia da participação. Pedagogia do contágio.

---

<sup>42</sup> As vozes em itálico nesta página são de Patrícia Valverde e de seu depoimento.

Essa ilha em sua construção foi território de festa e apresentações artísticas, culturais. Uma zona temporária do movimento, lugar *onde escoa uma comemoração, uma celebração*<sup>43</sup>. Também “‘utópica’ no sentido que imagina uma *intensificação* da vida cotidiana ou, como diriam os surrealistas, a penetração do Maravilhoso na vida” (BEY, 2011, p. 35).

Festas compostas em conjunto, nas quais o comércio local também esteve incluído, como a Festa Junina realizada. A Bicletaria Cultural sempre esteve presente. Houve também o *Karaokê de Bolso no Palco*, convidando as pessoas a cantarem, apresentações e shows musicais como os *Pocket Show* das bandas locais *Trombone de Frutas* e *Watch Out for the Hounds*.

Dessas celebrações que aconteceram desdobrou-se um novo evento, uma nova festividade, o *Sarau da Massa Corrida*. Um dia especial, que reúne pessoas e atividades para expressão e promoção de arte independente, relacionadas à música, dança, *performance*, com recitais de poesia e varais de exposições, por exemplo.

Apresentações como as de cinema. Na praça foi pintada uma tela de cinema e feitas exibições de alguns filmes. Entre essas exibições, a mostra *Cicle Chic* do coletivo *Saia de Bici* e a projeção e pré-estreia do filme local *Gastronomia Urbana* (2014), dirigido por Ricardo E. Machado.

O cinema na praça contou com a parceria do coletivo *FilmSystem*. Coletivo que foi criado em 2013, em São Paulo, por Luiz Henrique Leocádio, de maneira a repensar as formas de exibição cinematográficas e com esse intuito de aproximar as pessoas do cinema, ou o cinema das pessoas, com projeções em espaços públicos. Ampliando as conexões de ideias e ações dos arte-ativistas com inspirações vindas de outras regiões do país.

Esse coletivo esteve presente na *Ocupa Ouvidor*, uma ocupação artística da Rua Ouvidor 63 e na *Passagem Literária da Consolação*, em São Paulo, bem como na mostra experimental *Multiolhares* do *Olhar de Cinema - Curitiba Int'l Film Festival*.

Pensando, assim, o espaço público e a iniciativa dos envolvidos na aproximação das pessoas com o cinema, no acesso e na publicização de produções cinematográficas – principalmente locais e relacionadas ao universo da mobilidade urbana, ou de leituras sobre o urbano. Educando as pessoas pelo contágio na

---

<sup>43</sup> Depoimento de Patrícia Valverde.

utilização do espaço público, na valorização de cultura local e no olhar sobre a cidade e as questões de mobilidade.

A imagem de cobra de pedra bruta histórica da São Francisco, aos poucos se potencializou e contaminou pela presença da diversidade do bando e práticas. Águas nascentes, também, do subsolo-bicicletaria, potentes de beber, pela sombra de um edifício embargado e início de reapropriação do ambiente.

A respeito da sua localização, a praça foi construída no marco zero da histórica Rua São Francisco, que desemboca no também histórico centro de Curitiba, no Largo da Ordem, que reúne grande número de pessoas todos os dias e principalmente aos finais de semana. Ela se localiza na esquina com a Rua Presidente Faria, fica próxima à Rua XV de Novembro e seu calçadão e ao prédio histórico da Universidade Federal do Paraná.

Construída em frente à Bicletaria Cultural, um dos primeiros territórios de referência, que busca *fortalecer esse pico aqui no meio da cidade como espaço que está discutindo mobilidade*<sup>44</sup>. Veio de encontro também com a reestruturação que os arredores estavam passando: *tem a associação dos comerciantes aqui, [...] depois da revitalização da rua, eles fizeram grafites em várias portas dos comerciantes, meio que para mudar um pouco o ar dessa rua, na São Francisco. Então, a prefeitura iluminou, aí tem o Projeto das Tintas Coral.*

Ao fundo da praça foi construído um muro que se tornou mural, boa parte dele recebeu a arte de alguns artistas locais, que também orientaram oficinas durante os mutirões. Os ativistas-construtores esperam que, de tempos em tempos, elas deem lugar a outras. Uma parte desse muro foi destinada a informativos. Foi também feito um palco para receber convidados, festas e para as crianças ocuparem.

Atrás da praça há o painel da artista Mona Caron e um terreno não utilizado que foi recentemente ocupado para criação de uma horta comunitária.

Em frente, uma das entradas pela Rua Presidente Faria, a rampa de acesso no chão faz um desenho que lembra o rastro de uma roda de bicicleta e dá acesso

---

<sup>44</sup> As vozes em itálico nesta página são de Patrícia Valverde e de seu depoimento.

aos paraciclos, aos bancos, ao mural e à Rua São Francisco. Esse desenho foi materializado por um senhor bem humorado e então professor de construção civil junto a seus aprendizes na oficina de *petit pavet*. Um rastro de bicicleta afirmado no mapa.

Em um dos lados da praça há uma ruína histórica de aproximadamente cem anos; trata-se de um pedaço de um muro entre as áreas de acesso. Em uma palestra, durante o festival ARTEBICIMOB que ocorreu neste ano, um dos arquitetos-voluntários contou sobre os três períodos de tempo registrados nesse muro preservado. Onde, um primeiro momento poderia ser percebido pela composição da construção feita de alvenaria de pedra e gordura; um segundo momento, da alvenaria de tijolos; e um terceiro momento, o da construção da praça, com o arrimo, a modificação de sustentação do lado de dentro dele. Disse ainda que esse muro poderia contar a história da Rua São Francisco.

Do outro lado, há um jardim vertical planejado por Valdeci (Alves da Cruz Bitencourt) e realizado na oficina de jardinagem. Logo acima está a tela de cinema, pública.

Conversando com Valdeci, fiquei encantado com o carinho com que ele descreveu o jardim vertical e com a forma de simbolizar cada espécie que escolheu para compô-lo. Então, convidei-o a compor também minha escrita através de um depoimento seu. As vozes sempre foram para mim aprendizado.

Ele contou em seu depoimento sobre como foi seu contato com o movimento cicloativista e com a Associação Cicloiguaçu. Que depois de participar do *Fórum Mundial da Bicicleta*, realizado em fevereiro em Curitiba, seu horizonte tinha se ampliado. E que, então, procurou uma forma de ajudar.

Contou ainda que quando a ideia da construção da praça surgiu, enquanto paisagista, propôs participar mais ativamente. Inspirado ainda no tema do fórum que foi *Cidade em equilíbrio* pensou nos beija-flores e em trazê-los de volta ao centro da cidade.

*E eu sugeri um determinado grupo de espécies, um determinado grupo de plantas, pra chegar nessa ideia que eu tinha de Jardim de Beija-Flores<sup>45</sup>.*

---

<sup>45</sup> Depoimento de Valdeci Alves da Cruz Bitencourt.

Valdeci escolheu a Tumbeja Azul (*Thunbergia grandiflora*) para representar a associação idealizadora da ideia da praça, a Cicloiguaçu; o Amor Agarradinho (*Antigonon leptopus*), que são flores rosas que ficam todas emaranhadas simbolizando também a corrente de uma bicicleta e o amor dos ciclistas pela causa da ciclomobilidade; a Azaléia Rosa (*Rhododendron simsii*), para simbolizar as mulheres ciclistas e o coletivo *Saia de Bici*; o Cipó de São João de uma cor bem vibrante que simboliza a energia do ciclista e o remete ao sistema cicloviário da Holanda; o Abutilon, que é uma Lanterna Chinesa (*Abutilon megapotamicum*), para compor com as cores do painel de Mona Caron ao fundo da Praça.

Cada parte do contorno da praça ganhou tempo, oficinas, dedicação, partilha e aprendizado. Ela está cercada de histórias e sentido.

A territorialização desse espaço público foi um tanto especial pensando a sua localização e processo de construção. Foram se desdobrando questionamentos sobre os usos dos espaços, construções embargadas, terrenos públicos isolados e inutilizados, possibilidades de deslocamentos e de convívio. Foram criando-se formas de significação e de solidariedades, através dos encontros e da disposição de construir e de partilhar.

A ocupação e a tomada de um espaço público pela proposição e ação do próprio público desdobraram o termo *público*. Questionando se espaços atendem as demandas daqueles que os habitam. Ensinando a possibilidade às pessoas de territorializar esses espaços.

Compondo uma ilha de convivência, também problematiza a estrutura para mobilidade urbana que não tem se mostrado favorável aos pedestres, aos ciclistas e a todos modais. Na selva de pedra sinalizada e construída preferencialmente para os automóveis. Território, encontros e práticas tornando possível uma educação do olhar sobre a cidade, *onde a pessoa, na escala pequena, a pessoa, o indivíduo, tenha o privilégio ou prioridade*<sup>46</sup>.

A Praça de Bolso do Ciclista foi inaugurada no dia 22 de setembro de 2014 – no Dia Mundial Sem Carros, no Mês da Bicicleta – e pode ser vista como uma conquista do e para o cicloativismo em Curitiba e região, para o movimento pela

---

<sup>46</sup> Depoimento de Valdeci Alves da Cruz Bitencourt.

mobilidade urbana por bicicleta. *Você tem praças com nomes de sargentos, de governadores, ruas com nomes de marechais, hoje você tem uma praça que chama Praça (de Bolso) do Ciclista*<sup>47</sup>. Não só pela conquista de um espaço, mas pela visibilidade e contágio atingidos, pela criação de um território singular, de uma memória para a cidade e pela adesão e participação das pessoas.

Nela se apresentaram, inventaram e ensinaram novas formas de se relacionar com o ambiente e com o social. Uma educação do olhar pelas leituras sobre o urbano. Formação pela participação na ocupação, nas proposições e no diálogo com o poder público. Bem como acontece com outras proposições da Associação Cicloiguaçu e de todo o movimento cicloativista de Curitiba e região.

Foi possível perceber e estabelecer conexões com pessoas, ideias, proposições e intervenções de diferentes áreas do conhecimento, de diferentes regiões do país, bem como de diferentes países. Aproximando movimentos, criando laços e ampliando as maneiras de agir, de organizar e de expressar.

Em invenções de formas de organização que mostraram também o comprometimento e a ousadia dos envolvidos. Foram meses de reuniões de preparação e de planejamento, anteriores à construção da praça e durante o período de construção. Os horários em que os arte-ativistas e voluntários se reuniram foram aqueles do descanso, do pós-trabalho, os fins de tarde, noites e os finais de semana.

Os encontros também tinham inspiração *no discurso de autogestão, discurso de ajuda mútua, discurso de cooperação, que são discursos historicamente ligados ao anarquismo*<sup>48</sup>. E durante eles, registros, sistematizações e planejamentos de ações foram feitos guiando o processo de construção.

Criou-se com o mutirão *a oportunidade de colocar em prática esses conceitos: de ajuda mútua, de cooperação, de trabalho dedicado a uma causa*<sup>49</sup>. Novas formas de partilha. Partilha de tempo, de trabalho, de saberes, partilha tão cara em tempos de disputas por espaço. Foram 19 mutirões, 19 finais de semana. No trânsito mesmo, o compartilhamento é uma das bandeiras que o movimento

---

<sup>47</sup> Depoimento de Dráuzio Aparecido de Almeida.

<sup>48</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

<sup>49</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

levanta, durante seu fluxo de ação ele e as pessoas que participaram puderam desenvolvê-la, exercê-la, experimentá-la.

Então, trata-se de *uma reeducação da sociedade. Uma outra forma de ver. Uma forma, realmente, de compartilhamento. Uma forma de não segregar, ninguém segregar ninguém, nenhum modal segregar outro modal*<sup>50</sup>.

Criaram-se momentos de escoar alegria, novos eventos, novas festividades. Acesso e valorização de produções locais e independentes.

*E a gente sabe que tudo, tudo mesmo, se trata de uma zona autônoma temporária [...] se instala com uma força tão grande que a gente espera que realmente ela seja temporária, para poder ceder a novas fases*<sup>51</sup>. Pode ser nesse temporário que se aprende a estar no movimento, que se entra no movimento e desenvolve uma forma mais autônoma de ação, mais esburacada<sup>52</sup>.

No movimento entra-se em contato com aprendizagens plurais e criativas, mais propositivas, ativistas, em contato com os próprios ativistas, estudiosos e líderes de diversas áreas do conhecimento que compõem o movimento, e com pessoas também dispostas a aprender e a se aliar. Não se tratando somente de questionamentos sobre os usos dos espaços, construções embargadas, terrenos públicos isolados e inutilizados, possibilidades de deslocamentos. Mas de ações, intervenções, territorializações. Ações que desdobram o termo *público* na participação, na construção, pelas próprias pessoas, de um território em um espaço público.

Uma pedagogia da participação, onde a aprendizagem acontece pela disponibilidade, pela abertura, pelo contato, pela ação, em uma construção de relações com universos referenciais outros. Pedagogia rizomática.

À espera de beija-flores, sementes de contágio são plantadas. Por grafites autônomos, bicicletas ganham asas.

---

<sup>50</sup> Depoimento de Valdeci Alves da Cruz Bitencourt.

<sup>51</sup> Depoimento de Patrícia Valverde.

<sup>52</sup> “[...] eu falo que eu sou esburacada, eu permito que as coisas passem por mim, pelos pensamentos assim, tipo um queijo [...] permitir algumas possibilidades e questionar e me colocar em uma situação mais de avaliação, durante [...] essa atitude de ser generosa, de abrir para as outras possibilidades, até aquilo que não se conhece, revela muitas coisas positivas e tem riscos também.” (Depoimento de Patrícia Valverde).

### 6.3.1 *As três ecologias da ilha*

Sementes da esfera mental

Florescem no movimento.

Plantadas nas praças, intervindo.

Libertárias jardinagens.

Algumas delas já são ipês grandes e amarelos.

Cultivadores vêm e vão.

As forças que animam também são o gosto do preparar a terra.

Misturam-se aos antigos os novos.

As flores não têm donos, reforçam o querer.

Crescem no movimento

Renascem nas ilhas urbanas.

Compõem com outros cultivos.

Plante você mesmo.

Traçando no rizoma conexões do florescer.

Planta-se coletivamente uma praça.

Germinações da esfera social

De tempos e espaços variados

Em heterogênese, se encontram.

As forças que animam são também os múltiplos

O desejo, o pertencimento.

Desdobramentos possíveis e potentes de encontros.

Artivistas, vizinhos, ciclistas

Arquitetos, paisagistas, fotógrafos, motoristas.

Abertos, intensos, situs, anarcos, zens

Propositores, contagiados.

Uma semente da esfera ambiental

Nasce na praça com um jardim.

Beija-flores de volta

Ao centro.

Da cidade, aproximações.

Não fosse confiança do paisagista

Permaneceria um mini pulmão oculto

Floresta de cimento?

### 6.3.2 *Da memória de uma inundação*

Do Subsolo-Bicicletaria

Com seus três anos de conexões com lençóis ativistas

E da convergência das Águas do Alto Iguaçu

Brota uma nascente que esco.

Nascentes que há tempos irrigam partes da selva de pedra.

Respiros no cimento.

Água-cultura-da-bicicleta

Água-movimento-pela-ciclomobilitade-urbana.

Escoa.

Os lençóis rizomáticos são também virtuais

Em forma de rede, piratas ou não.

Confluência de forças que ora insurge.

Pedem passagem, e nesse braço

Vertendo em reuniões de planejamento da Ilha de Bolso

Ganhando força ao estreitar os laços que se ampliam.

Insurge.

Começa a inundar...

*As calçadas são estreitas*

*O trânsito intenso de carros, motos e ônibus biarticulados*

*Há pouco espaço para pedestres*

*Inexistência de ciclovia, ciclofaixa e paraciclos<sup>53</sup>.*

Tudo inunda.

As águas ganham a selva de pedras.

Em tempos de mutirão só é possível navegar de bicicleta.

Inundação-mutirão, movimento que se afirma

Alimenta-se, e é tomado.

Descobre-se que participação é movimento

Movimento é ação.

É possível navegar.

Aos finais de semana

(Inund)ação para construir uma Ilha

De bolso para habitar, ancorar as bicicletas.

Partilhar o peso das pedaladas em selvas

Não feitas para barqueiros-ciclistas

Nem para aventureiros-pedestres.

---

<sup>53</sup> “[...] as calçadas são estreitas, o trânsito intenso de carros, motos e ônibus biarticulados, há pouco espaço para pedestres, inexistência de ciclovia, ciclofaixa e paraciclos.” (BIERNASKI, 2013, p. 9).

E ela foi construída.

A água precisou tomar a selva de pedra

Para poder levantar dela uma ilha.

Foram meses de inundação.

Acalmou.

Para habitar.

Então, o movimento criou marés.

Hoje é também a memória da inundação que faz a ilha.

História, corpo, sensação.

Ela continua no meio da selva de pedras.

Respiros no cimento.

Muita gente que passa por ali ainda consegue ver

A água e o movimento.

Criou mares.

Atualizações de memória produzindo percepção.

A memória das vivências, intenções

Partilhas, ação.

Movimento educando a sentir.

Memória de (inund)ação.

## 7 ENTRE CARROS, BICICLETAS E INVENÇÃO DE MUNDOS

Pode-se perceber que há uma homogeneização dos modos de agir, de sentir, de pensar e de se relacionar, no mundo contemporâneo. Félix Guattari (2012a, GUATTARI; ROLNIK, 1996) a chama de subjetividade capitalística, entendendo-a como um tipo de economia do desejo que sustenta uma montagem de territórios existenciais. Subjetividade, essa, que se dá em linhas de produção, tratando da produção que limita esses modos de ser a um padrão. Aqui, penso a respeito dela, entre outras coisas, no que se refere ao *culto ao automóvel*, desdobrado do projeto de industrialização desde/ em tempos de Ditadura Militar, no Brasil.

O carro, nesse culto, é visto *como símbolo de status, de fetiche, de poder sexual [...] Os carros gigantescos, maiores. Poderosos? [...] isso é um hábito, um valor que foi trabalhado durante décadas em cima da gente. Veja as propagandas do carro: ou mostra gente feliz em cidades desimpedidas; ou mostra o sujeito alheio às agruras da agressividade do meio urbano*<sup>54</sup>.

O ambiente urbano passa a ser desenhado segundo a demanda dos motores. Estendem-se vias de asfalto que impermeabilizam boa parte do solo – senão toda, em alguns lugares –, o céu ganha algumas cores mais acinzentadas, as calçadas se apertam para a passagem dos pedestres que esperam o sinal vermelho do carro fechar; um cadeirante não pode ocupar o asfalto liso. Uma atmosfera é criada.

Com o aumento dos deslocamentos permitidos pela utilização dos automóveis, houve também o aumento das distâncias e do tempo gasto nos trajetos. Os depoimentos produzidos falam de um afastamento das pessoas, nos grandes centros urbanos, associados ao carro. Além da emissão de gases nocivos ao ambiente, há o perigo das altas velocidades. Parece que os grandes centros urbanos foram configurados para os automóveis, a sinalização é quase que exclusiva a eles, bem como o uso do espaço público.

No carro, afasta-se da realidade da cidade, da realidade que se pode compartilhar, criam-se espaços isolados, como bolhas especializadas que não

---

<sup>54</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

permitem contato. Carros para transporte individual que fazem, na noite, filas ansiosas de pontos vermelhos a congestionar e poluir, embora seja possível se deparar com situações como essa em qualquer momento do dia.

As veias estão enfartadas, sejam as do ambiente pelas práticas de congestionamento e poluição; aquelas dos laços relacionais que acabaram se tornando mais doentios, líquidos ou inexpressivos; ou as do corpo sentado, dócil ou objeto de subjetividade capitalística. Já não sendo possível transitar, segue-se somente o fluxo (do consumo)? E a cada vez mais, vai se especializando a bolha protetora. “A subjetividade se encontra ameaçada de paralisia” (GUATTARI, 2012b, p. 150).

Em muitos locais do globo, moldes estão sendo postos, identidades fixadas, como microchips instalados sob a pele. As engrenagens midiáticas e comunicacionais os tornaram atraentes, ou ainda coercitivos. As linhas dessa produção se estriaram, coagularam, globalizaram.

Bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a auto-estima – assim como serem vistos e reconhecidos por fazerem tudo isso –, consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos. (BAUMAN, 2008, p. 74).

Uma pedagogia da insatisfação se instaura e o movimento majoritário se dá pelo consumo. Consome-se uma subjetividade pronta para usar. “É a relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza.” (GUATTARI, 2012a, p. 8).

Percebo a maior parte dos produtos dessa produção se desdobrando enquanto proposições de verdades coercitivas, imposições padronizadas, parâmetros excludentes, onde quase nada parece escapar ao homem-branco-heterossexual-adulto-motorizado. Como “inpletir o destino coletivo em um sentido menos serial?” (GUATTARI, 2012b, p. 150).

Buscando alternativa ao culto ao automóvel, procurei aprender com o movimento ativista pela mobilidade por bicicleta em Curitiba, na perspectiva da ecosofia. Encontrei algumas possibilidades de fuga – dos modos padronizados de agir, sentir, pensar e de se relacionar configurados pela subjetividade capitalística –, através de práticas que priorizavam o ambiente, articuladas àquelas que possibilitavam operar reinvenções nas esferas subjetivas e sociais. Atentei a elas, tendo em vista as problemáticas ecosóficas levantadas por Félix Guattari (2012a, 2012b).

**A priorização do ambiente**, entendida enquanto fuga às formas majoritárias de encará-lo, foi percebida nas intervenções, proposições e práticas por parte dos arte-ativistas. Tratava-se, por um lado, da preservação do ambiente. Mas também de sua recriação, na promoção do uso da bicicleta e outras práticas, produzindo outras relações com o ambiente e recriação de espaços e modos de vida.

Encontrei possibilidades de educação em relação ao ativismo, à autonomia, à participação, às possibilidades de retomadas do ambiente e de formas de se relacionar com ele, nesses espaços reinventados, territorializados. Territórios como a Bicicletaria Cultural, a Praça de Bolso do Ciclista e as zonas autônomas temporárias.

A promoção do uso de bicicletas nos deslocamentos cotidianos mostrou-se potente alternativa, pensando em equilíbrio físico, mental e ecológico no urbano. Priorização de práticas e hábitos mais saudáveis e autônomos, envolvendo a relação com o corpo e com a cidade. De bicicleta o ritmo é outro, vive-se o tempo do que passa, vive-se a cidade, exercita-se, se dialoga, é possível parar, conversar, mudar de caminho, aproximações. Há o *ganho de autoconhecimento: o sujeito pedalando ou caminhante – vamos igualar o pedestre e o ciclista aqui – ele tá em contato com o corpo dele de uma forma muita mais direta, ativa; isso gera autoconhecimento, isso gera uma percepção maior de si, do seu corpo, da sua força, do seu potencial, da sua cidade, do lugar onde mora*<sup>55</sup>. Possibilidades de fuga de um contexto de aceleração de consumo, de utilização de automóveis como

---

<sup>55</sup> Depoimento de Jorge Gomes de Oliveira Brand.

transporte individual, de elevação de números e gravidade de acidentes no trânsito, de redução do espaço público e de seus usos.

Da reinvenção do ambiente – além da constituição de territórios ecologicamente educativos – à aprendizagem de práticas alternativas, como as hortas comunitárias, a bioconstrução na Praça de Bolso do Ciclista e jardinagens libertárias pela cidade.

**Quanto às reinvenções nas formas de agir e de se relacionar**, novas possibilidades foram encontradas. A aprendizagem de organização e convivência abertas, auto-organizadas, experimentais, plurais, não hierárquicas, compartilhadas. E de ação e expressão autônomas e participativas. Como a constituição dos coletivos, *Interlux*, *Saia de Bici*, Associação Cicloiguaçu, por exemplo; ou pelos próprios integrantes, eventuais ou não, dos territórios temporários. E das maneiras de conviver que priorizavam a partilha no dia a dia, buscando criar espaços mais adequados para os pedestres e para os ciclistas. Havia um ritornelo: “uma cidade para pessoas”, afirmando a priorização da escala humana.

Das possibilidades de fuga que também atuavam enquanto contágio e aprendizado, a invenção de maneiras de expressar e das de intervir. Expressão, tratando-se, do discurso e da significação, através dos eventos e encontros, como o Fórum Mundial da Bicicleta, o festival ARTEBICIMOB, as Bicletadas, as Vagas Vivas, Musicletada, a mostra Cicle Cine, a Marcha das Bicicletas, o Dia Mundial Sem Carro, o Mês da Bicicleta. Educando também para a invenção de formas de intervir, como através dessas zonas autônomas temporárias criadas no movimento, que retomavam espaços, reivindicavam demandas e criavam territórios, festas e cultura.

Essas práticas de priorização do ambiente e de reinvenção das formas de agir e de se relacionar se articulam, articulando assim as esferas subjetiva, social e ambiental (GUATTARI, 2012a, 2012b) no movimento urbano. Ecosofia. Opera-se, dessa forma, uma produção de subjetividade singular, entendida ainda enquanto produção “de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade” (GUATTARI 2012a, p. 33).

Pensando nessas articulações no movimento ativista pela mobilidade por bicicleta, percebo que elas parecem ter ressonâncias com o conceito de rizoma de

Gilles Deleuze e Félix Guattari. Esse termo foi deslocado por eles da Botânica, pensando sua constituição:

Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore. O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32-33).

Associo o rizoma às maneiras percebidas de estabelecer conexões das proposições acompanhadas e entre os arte-ativistas e coletivos. Relações rizomáticas, se dão de forma não hierárquica, possibilitam conexões múltiplas e estão mais para alianças do que para filiações.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." [...] *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Entendo o desenho rizomático no movimento pela presença de formas abertas – auto-organizadas, experimentais e plurais – de conexões. Como as estabelecidas entre arte-ativistas de diferentes regiões do país, como de outros países, bem como junto àqueles que são ativistas a mais ou menos tempo; proposições inspiradas em outros coletivos ativistas; e alianças – mesmo que temporárias. Não se tratando de organização, mas de aproximações, alianças, contágios...

E nesse traçado que se amplia, os territórios temporários e plurais, as práticas alternativas e as relações autônomas e criativas – em suas composições, invenções e expressões –, no movimento ativista pela mobilidade por bicicleta, podem ser entendidos enquanto cultura. Uma cultura composta de uma subjetividade singular articulada ao ambiente e ao social, um universo referencial, o da bicicleta. E, como toda cultura, é pedagógica.

Além disso, o movimento se tornou a própria matéria de sua produção, através dos dispositivos que são territórios, práticas e encontros que vão se tornando autorreferenciais, se reinventando. Aqui, o movimento é entendido enquanto máquina de produção de universos referenciais, de subjetividade, de cultura. Ou seja, indico no movimento uma dimensão ampliada de suas extensões, enquanto produção de subjetividade e enquanto máquina de produção de subjetividade.

Máquina, por sua vez, composta pelos vários dispositivos que se relacionam de maneira rizomática. E que nessa forma rizomática de estabelecer conexões permite que o universo se caracterize de maneira plural e criativa. Não permitindo que ele se feche nele mesmo, se homogeneíze, imponha. Uma cultura em devir plural e criativo. Assegurando, por exemplo, a abertura à atenção a problemáticas que venham a ocupar as urgências então presentes.

Esse universo referencial singular possibilita aberturas a processos educativos, a linhas de fuga das formas majoritárias e excludentes de ser, às vivências singulares de produção de si; para aqueles que dela participam. Percebo, ainda, que ele vaza, escoar, emerge, surge, se expressa, em zonas autônomas temporárias, oferecendo entradas para as pessoas que não participam dele, educando. Ética, estética e politicamente.

Da maneira rizomática da leitura do movimento ativista, indico a abertura à pluralidade de suas conexões, a possibilidade de invenção de cultura, e a constituição de territórios e práticas educativas, afinados com uma perspectiva ecosófica. Em outras palavras, da busca de alternativas ao culto ao automóvel, a invenção de possibilidades de fuga aos modos padronizados de ser, agir, pensar e se relacionar. Da articulação das esferas ambiental, social e subjetiva, a expressão do movimento ativista pela mobilidade por bicicleta enquanto possibilidade de criação de mundos. Do desejo de prosseguir com a cartografia sobre esse universo referencial singular, a possibilidade de aprender.

## 8 APRENDER

*Até então eu nunca vira a coragem. A [...] coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena.*

*(A legião estrangeira, Clarice Lispector).*







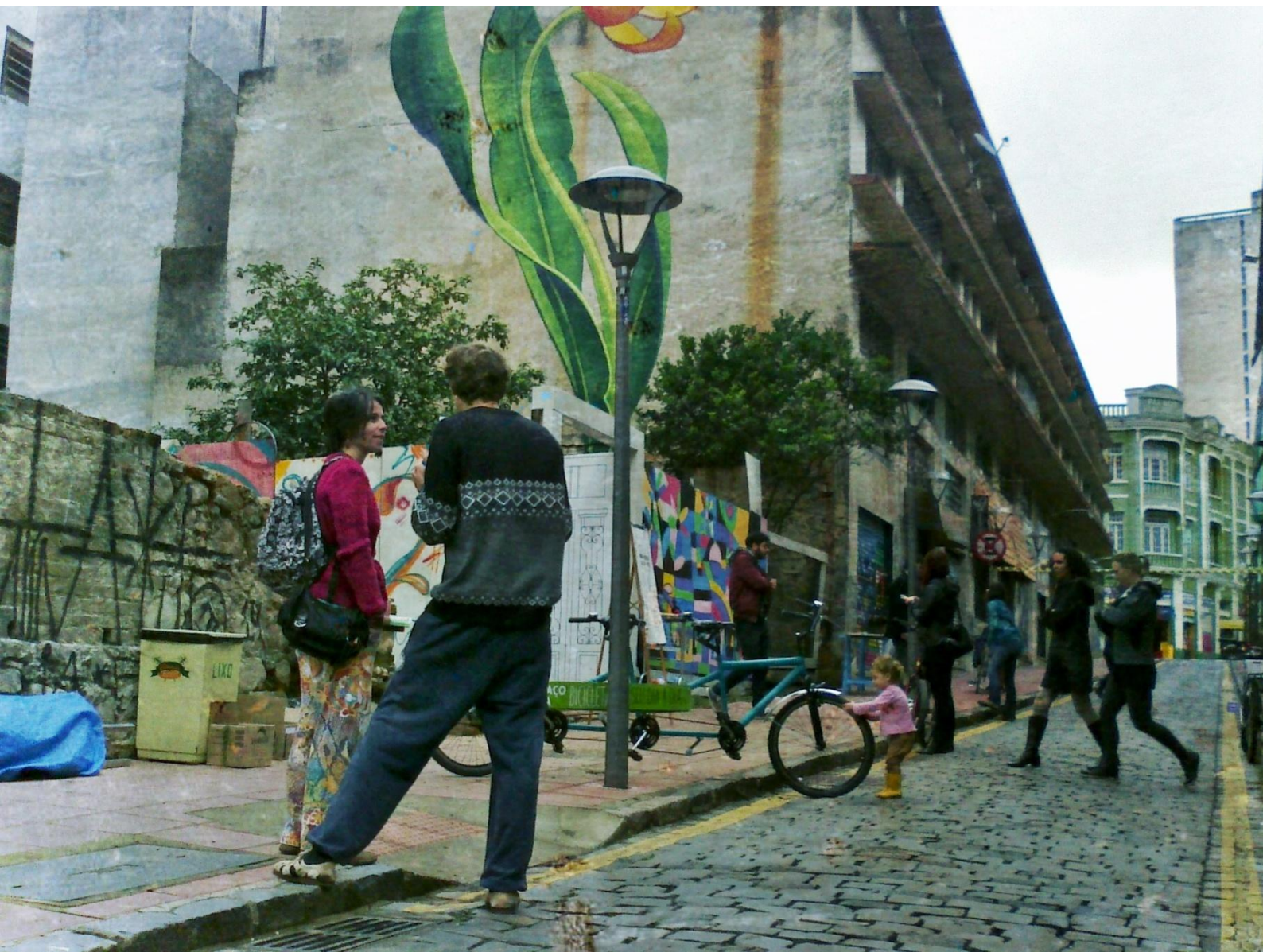
Foto: Karla Keiko.





































## 8.1 Legendas

- 67....  *Acompanhar.* Tomada da Praça de Bolso do Ciclista após aprovação do projeto arquitetônico, 03/05/2014, por Emerson Biernaski.
- 68....  *Material in(formativo).* Praça de Bolso do Ciclista, 31/05/2014, por Emerson Biernaski.
- 69....  *Intervir.* Vaga Viva, Av. Cândido de Abreu, 22/09/2014, Dia Mundial Sem Carro, por Karla Keiko.
- 70....  *Faça você mesmo.* Oficina de Mosaico, Praça de Bolso do Ciclista, 31/05/2014, por Emerson Biernaski.
- 71....  *Ritornelos.* Praça de Bolso do Ciclista, 14/07/2014, por Emerson Biernaski.
- 72....  *Expressão.* Massa Corrida, Praça de Bolso do Ciclista, 12/07/2014, por Bruno Pósnik Roloff.
- 73....  *Arte.* Praça de Bolso do Ciclista, 31/05/2014, por Emerson Biernaski.
- 74...  *Autonomia.* Praça de Bolso do Ciclista, 24/05/2014, por Emerson Biernaski.

- 75...  *Partilhar.* Arrecadação e doações, Praça de Bolso do Ciclista, 24/05/2014, por Emerson Biernaski.
- 76...  *Territórios.* Bicletaria Cultural, 08/07/2014, por Emerson Biernaski.
- 77...  *Processos.* Construções, Praça de Bolso do Ciclista, 02/08/2014, por Emerson Biernaski.
- 78...  *Música pra sair da bolha.* Praça de Bolso do Ciclista, 14/09/2014, por Emerson Biernaski.
- 79...  *Manifestar.* Ghost Bike para Letícia Rodante e Bicletada em prol da vida e respeito no trânsito, saída na Praça 19 de Dezembro, 04/05/2014, por Emerson Biernaski.
- 80...  *Encontros.* Bicletas e políticas públicas: a importância do ativismo com André Soares, Praça de Bolso do Ciclista, 20/09/2014, por Emerson Biernaski.

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Roselaine Machado. *Formação ecosófica: a cartografia de um professor de matemática*. 216 p. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011. Disponível em: <[http://www.argo.furg.br/bdtd/tde\\_arquivos/5/TDE-2011-08-11T103035Z-307/Publico/TESE%20ROSELAINÉ.pdf](http://www.argo.furg.br/bdtd/tde_arquivos/5/TDE-2011-08-11T103035Z-307/Publico/TESE%20ROSELAINÉ.pdf)>. Acesso em: 29/09/2014.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. 3. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- BIERNASKI, Emerson. *(Des)formar, singularizar, experimentar, aprender: um estudo dos processos criativos de Fernando Rosenbaum*. 20 p. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Entre educação, ecosofia, invenção: outros mundos são possíveis*. 19 p. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- BIERNASKI, Emerson; KASPER, Kátia Maria. Ecos de uma bolha. *Linha Mestra* (Associação de Leitura do Brasil), v. 21, ano VI, p. 111-118, 2012. Disponível em: <[http://linhamestra21.files.wordpress.com/2012/08/lm\\_21\\_18\\_cole.pdf](http://linhamestra21.files.wordpress.com/2012/08/lm_21_18_cole.pdf)>. Acesso em: 25/09/2014.
- \_\_\_\_\_. Percursos de formação: entre educação, ecosofia, arte e política. In: VIII SEMINÁRIO LINGUAGEM, POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO, II SEMINÁRIO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, II SEMINÁRIO IMAGO, 2013, Rio Claro. *Anais do II Congresso de Educação de Jovens e Adultos, VIII Seminário Linguagem, Políticas de Subjetivação e Educação e II Seminário Imago*, 2012. Disponível em: <[http://www.rc.unesp.br/ib/educacao/geplinguagens/VIII\\_Seminario/Trabalhos/Comunicacao\\_Oral/Emerson\\_Biernaski\\_Katia\\_Kasper.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/educacao/geplinguagens/VIII_Seminario/Trabalhos/Comunicacao_Oral/Emerson_Biernaski_Katia_Kasper.pdf)>. Acesso em: 25/09/2014.
- BRAGA, Jonathan Taveira; KASPER, Kátia Maria. Formação, experimentação, invenção. *Instrumento*. v. 15, n. 1, p. 39-46, jan./jun. 2013. Disponível em: <[instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/2643](http://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/2643)>. Acesso em: 13/10/2014.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COMISSÃO revisora do banco de questões da habilitação, Departamento de Trânsito do Paraná - DETRAN/PR. *Relatório final*. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://cicloiguacu.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Relat%C3%B3rio-final-ciclistas.pdf>>. Acesso em: 27/09/2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. vol. 1.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997a. vol. 4.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997b. vol. 5.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética. In: *31ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, 2008. 16 p. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf>>. Acesso em: 01/10/2014.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely Belinha. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KASPER, Kátia Maria. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 331-344, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000200331&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000200331&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20/10/2014.

\_\_\_\_\_. *Experimentações Clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida*. 412 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008, 17 p. Projeto inscrito no BANPESQ/THALES sob o número 2008023336. Projeto em andamento.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 12/10/2014.

LARROSA, Jorge; VEIGA-NETO, Alfredo. Literatura, experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 129-156.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. Movimento antiglobalização: Distinções analíticas e uma crítica a Alain Touraine. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 1, p. 70-86, ago./dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13682>>. Acesso em: 09/09/2014.

LUDD, Ned (org.). *Apocalipse motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído*. São Paulo: Conrad, 2005.

\_\_\_\_\_. *Urgência das ruas: Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad, 2002.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Performance artística no vivo e ao vivo*. 2009. p. 22-27. Disponível em: <<http://www.artesquema.com/wp-content/uploads/2009/01/bia-medeiros.pdf>>. Acesso em: 13/10/2014.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=366&path%5B%5D=367>>. Acesso em: 26/11/2014.

ORTELLADO, Pablo. *Aproximações ao 'movimento anti-globalização'*. Centro de mídia independente, 2002. Disponível em: <[www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/01/14525.shtml](http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/01/14525.shtml)>. Acesso em: 07/09/2014.

PARANÁ. Lei 17.385, de 10 de dezembro de 2010. *Diário Oficial do Estado*, Paraná, ed. 8858, 13 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.alep.pr.gov.br/web/baixarArquivo.php?id=4786>>. Acesso em: 27/09/2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROLNIK, Suely Belinha. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

RYOKI, André; ORTELLADO, Pablo. *Estamos vencendo: resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004.

SILVA, Cíntia Vieira da; KASPER, Kátia Maria. Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade. *Educação e Filosofia Uberlândia*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 711-728, jul./dez. 2014.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22815>>. Acesso em: 10/11/2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.